



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES – PROFARTES**  
**INSTITUTO DE HUMANIDADES, ARTES E CIÊNCIAS PROF. MILTON**  
**SANTOS - IHAC**

**VANILSON DE LIMA COELHO**

**ARTE E MEIO AMBIENTE (COMPOSIÇÕES MUSICAIS: UM RELATO**  
**DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO)**

Salvador – BA

2020

**VANILSON DE LIMA COELHO**

**ARTE E MEIO AMBIENTE (COMPOSIÇÕES MUSICAIS: UM RELATO  
DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO)**

Artigo apresentado ao Programa de Mestrado Profissional em Artes – ProfArtes, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Artes.

Orientador: Prof. Dr. Ângelo Tavares Castro

Salvador – BA

2020

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 01: Conceitos utilizados nas aulas sobre forma musical e seus elementos.....	21
Figura 1-Trecho da música - Cuide e proteja as árvores - primeira fase .....	41
Figura 2- Resultado da nova frase da música Cuide e proteja as árvores - segunda fase.....	41
Figura 3- Música O homem que destrói - primeira fase.....	42
Figura 4- Intervenção harmônica - segunda fase.....	42
Figura 5- O homem que destrói - introdução com baixo - segunda fase .....	43
Figura 6- O homem que destrói - alteração no andamento - segunda fase.....	43
Figura 7- Música Ideia - letra com melodia - primeira fase.....	44
Figura 8- Introdução, improviso de flauta e harmonização - segunda fase.....	45
Figura 9- Finalização da música Ideia - segunda fase.....	45
Figura 10- Carta Aos Não Nascidos trecho apresentado - primeira fase.....	46
Figura 11- Carta Aos Não Nascidos - nova frase - segunda fase.....	47
Figura 12 - O desmatamento - melodia e harmonia - primeira fase.....	47
Figura 13: O desmatamento - segunda fase.....	48
Figura 14- Natureza, Pedido de Paz! - Introdução e estrofe - primeira fase.....	49
Figura 15- Refrão .....	49
Figura 16- Nova frase da música - parte B - primeira fase.....	49
Figura 17- Nova frase e ritmo com efeitos.....	50
Figura 18- Natureza, pedido de paz! - segunda fase - introdução no saxofone.....	50
Figura 19- Inserido a ponte na música Natureza, pedido de paz! - segunda fase.....	51
Figura 20- Efeito de voz de rádio - segunda fase.....	51
Figura 21- Ritmo de embolada inserido na segunda fase.....	51
Figura 22- Refrão com a Estrofe ao mesmo tempo misturando melodia e rap– segunda fase.....	52

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
Objetivo Geral.....	9
<b>1 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO.....</b>	<b>10</b>
1.1 Reflexões sobre disciplina de arte: as leis e suas interpretações.....	10
1.2 Conciliando arte e meio ambiente.....	14
1.3 Meio ambiente, Música e Educação musical.....	16
1.4 Composição na sala de aula.....	18
1.4.1 Similaridades da Composição e Criação musical na educação musical.....	18
1.4.2 Composição e criação musical na sala de aula - princípios pedagógicos.....	19
1.5 Pontos trabalhados na estruturação musical em sala de aula.....	19
1.6 A criação musical: o que é e como se opera.....	22
<b>2 PROCESSO METODOLÓGICO NO CASO ESTUDADO.....</b>	<b>26</b>
2.1 Primeira fase.....	27
2.1.1 Escolhas das linguagens.....	27
2.2 Criações musicais, segunda fase.....	28
<b>3 REGISTROS: PROPOSTAS E PROCESSOS.....</b>	<b>31</b>
3.1 O desenvolvimento didático.....	31
<b>4 RELATOS, ANÁLISES E REGISTROS DAS CRIAÇÕES MUSICAIS (RESULTADOS).....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>60</b>
Apêndice 1 Fotografias do projeto, primeira fase.....	60
Apêndice 2 Fotografias das oficinas de música.....	61
Apêndice 3 fotos dos ensaios.....	62
Apêndice 4 Fotografias do Festival de música.....	63

# ARTE E MEIO AMBIENTE (COMPOSIÇÕES MUSICAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ENSINO MÉDIO)

COELHO, Vanilson de Lima<sup>1</sup>.

## Resumo

Este artigo apresenta o relato de uma experiência com estudantes do 3º ano do ensino médio da escola pública. O estudo contribui para desenvolver a educação musical por meio de atividades de composição na sala de aula. Inicialmente pretendi estimular as criações a partir do estudo dirigido sobre um tema gerador - Arte e Meio Ambiente - para os estudantes produzirem suas criações musicais e *performances*, registrando como estas etapas se desenvolvem dentro do processo de ensino-aprendizagem, para, a partir daí, sistematizar uma abordagem metodológica que otimizasse as competências e os resultados desejados nesta ação. Ao finalizar este trabalho, faço alguns apontamentos das minhas percepções de conclusão sobre os trabalhos apresentados a fim de apresentar a ideia da sistematização do processo de criação no Ensino Médio.

**Palavras - chave:** Arte e meio ambiente; Ações artísticas; Composição e Ensino de música.

## Abstract

This article presents an account of an experience with students from the 3rd year of public high school. The study contributes to develop music education through composition activities in the classroom. Initially I intend to stimulate the creations from the study directed on a generating theme - Art and Environment - for the students to produce their musical creations and performances, recording how these stages develop within the teaching-learning process, so that, from there, systematize a methodological approach that optimizes the competences and the desired results in this action. At the end of this work, I make some notes of my perceptions of completion of the works presented in order to present the idea of the systematization of the creation process in High School.

**Keywords:** Art and environment, Artistic actions, Composition and Music teaching.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa Mestrado Profissional em Artes UFBA. Graduado em Música pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); com Especialização em Ensino da Arte: Música - também pela UFAL. Professor da rede pública estadual de Alagoas.

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa intitulada Arte e Meio Ambiente (composições musicais: um relato de experiência no Ensino Médio), tem como objetivo principal estimular e desenvolver ações artísticas com os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio, instigando-os a criar, desenvolver e realizar, artisticamente, obras e *performances*<sup>2</sup> voltadas para questões atuais e relevantes, como é o caso da poluição e degradação do meio ambiente.

O tema gerador<sup>3</sup> “Arte e Meio Ambiente” faz parte dos conteúdos da disciplina de Arte, proposta pela Secretaria de Educação do Estado de Alagoas, presente no referencial Pedagógico vigente no estado. Também contempla o novo Ensino Médio, que mudará os currículos até 2022, conforme Lei de Diretrizes e Bases da Educação que estabelece o seguinte:

A Lei nº 13.415/2017 alterou a lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e estabeleceu uma mudança da estrutura do ensino médio, ampliando o tempo mínimo do estudante na escola de 800 horas para 1.000 horas anuais (até 2022) e definindo uma nova organização curricular, mais flexível, que contemple uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a oferta de diferentes possibilidades de escolhas aos estudantes, os itinerários formativos, com foco nas áreas de conhecimento e na formação técnica profissional. A mudança tem como objetivos garantir a oferta de educação de qualidade à [sic] todos os jovens brasileiros e de aproximar as escolas à realidade dos estudantes de hoje, considerando as novas demandas e complexidades do mundo do trabalho e da vida em sociedade (BRASIL; 2018)

Com essa resolução, o componente curricular Arte está posto na área de Linguagens e Suas Tecnologias, junto com Português, Inglês e Educação Física, criada na Base Nacional Comum Curricular. Nessa resolução, a disciplina Arte no Ensino Médio “prevê o aprofundamento na pesquisa e no desenvolvimento de processos de criação autorais nas linguagens das artes visuais, do audiovisual, da dança, do teatro, das artes circenses e da música” (BRASIL, 2018, p. 482).

Pretendi, portanto, verificar como é o processo de criação musical no âmbito da escola estadual Theotônio Vilela Brandão de Maceió/AL a partir do tema gerador proposto, “Arte e Meio Ambiente”, e registrar como estas etapas se desenvolvem

<sup>2</sup> Turner atribui à performance o momento de finalização de uma experiência, sem o qual está não se completa. (Apud Hikiji P.159) (horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n.24, p. 155-184, jul./dez.2005) ou uma forma interpretativa(apresentação) da obra.

<sup>3</sup> O tema gerador no contexto da pesquisa servirá como delimitação textual das criações no sentido de trabalhar especificamente o processo de criação com base nas discussões e debates sobre no tema proposto.

dentro do processo de ensino-aprendizagem, para, a partir daí, sistematizar uma abordagem metodológica que otimizasse as competências e os resultados desejados nesta ação.

Os discentes deveriam fazer reflexões a respeito de questões gerais e cotidianas referentes ao tema gerador, considerando aspectos como: a sua vida social e cultural na comunidade onde vivem, o olhar sobre o trajeto de sua residência até a escola, sua ancestralidade, as histórias familiares, as músicas mais ouvidas, os passeios preferidos, entre outros tantos olhares possíveis. Tais reflexões deveriam ser a base para a criação musical e para o surgimento de parâmetros adequados ao nível de conhecimento técnico desses discentes.

Acredito, portanto, que, dentro desse procedimento de criação e *performance*, os envolvidos possam, por meio de estudos musicais, crescer cultural e socialmente, mudando hábitos e posturas, para uma relação cada vez mais harmoniosa e consciente com o meio ambiente, tornando-se, ao mesmo tempo, apreciadores, criadores, produtores e críticos do seu próprio fazer musical e social. Desta maneira podemos afirmar que os objetivos propostos seguem uma determinada linha entre a metodologia apresentada neste trabalho (a *posteriori*) e a relação do fazer musical mesclado as áreas comuns.

#### Objetivos:

Estimular e desenvolver criações artísticas (autorais) a partir do tema Arte e Meio Ambiente. Sendo assim, este artigo propõe também as seguintes especificidades:

- Promover estudos do tema proposto;
- Propor ação interdisciplinar entre música e meio ambiente;
- Provocar reflexão sobre o tema;
- Produzir *performances* e criações artísticas discentes;
- Sensibilizar outros atores (comunidade, professores e pais dos alunos) sobre o tema proposto;
- Criar metodologia que otimize competências e resultados a partir da criação musical;
- Registrar como estas etapas se desenvolvem dentro do processo de ensino-aprendizagem;
- Verificar como é o processo de criação musical;

- Investigar e descrever o processo de criação na linguagem musical (métodos);
- Desenvolver memorial descritivo.

## 1 REFERENCIAL TEÓRICO E METODOLÓGICO

### 1.1 REFLEXÕES SOBRE DISCIPLINA DE ARTE: AS LEIS E SUAS INTERPRETAÇÕES

A partir de discussões em sala de aula, pretendemos pensar sobre a importância da consciência ambiental, aliando esse pensamento com a educação musical, assim como criando ambiente que propiciasse propostas de criações artísticas, com *performances* que se inter-relacionem com o tema gerador - de forma consciente - de maneira a buscar, a partir daí, uma integração das Artes, aliadas com o ensino da música na escola regular. Essas ações possibilitam a criação de opções de mecanismo de ensino-aprendizagem da música no Ensino Médio, além da elaboração de novas concepções, que deem conta de representar, de forma artística, o grave problema da degradação do nosso meio ambiente nos tempos atuais.

Sabe-se da importância da legislação sobre o ensino de Arte, pois ela garante, formalmente, a disciplina no currículo escolar da educação básica, ainda que essa presença seja marcada por “indefinição, ambiguidade e multiplicidade” (PENNA, 2018). O fato é que ela garante, formalmente, a disciplina de Arte no currículo escolar da educação básica:

A legislação educacional, há quase 40 anos, um espaço para a arte, em suas diversas linguagens, nas escolas regulares de educação básica. No entanto, esta presença de arte no currículo escolar tem sido marcada por indefinição, ambiguidade e multiplicidade. (PENNA, 2018, p. 122).

Desde 2006 leciono a disciplina de Arte em escolas estaduais no estado de Alagoas e, especificamente no Ensino Médio, durante um período de treze anos passando por duas escolas, precisei, por causa da “indefinição curricular”, discutir e debater sobre essa ambiguidade e multiplicidade no ensino de Arte com orientadores e gestores, pois o docente que não tem criticidade formada sobre a legislação, será guiado e manipulado por caminhos da polivalência ainda incubados no pensamento.



Portanto, acredito que o professor que possui conhecimento da legislação, não se submeterá a “imposições e interferências” dos orientadores pedagógicos e gestores, que influenciam na atuação do docente em sala de aula. Afirmando isso por já ter vivenciado situações em que orientadores e gestores queriam impor que eu trabalhasse de forma polivalente em outras linguagens artísticas.

Trarei algumas reflexões sobre a disciplina de Arte, voltadas para as interpretações na legislação - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN), especificamente sobre a disciplina de arte e o ensino de música e suas modificações.

Historicamente, houve mudanças cruciais no ensino de Arte no Brasil, dentre as quais destacarei alguns pontos pertinentes a partir da mudança LDBN de 1971, Lei 5.692/71, que estabelece a inclusão do ensino de Arte, com o nome de “Educação Artística”. Nesse tempo, a disciplina era considerada uma “atividade educativa” e não disciplina. Nessa concepção sobre funcionamento da “Educação Artística” e suas linguagens, Penna questiona:

[...] quais linguagens artísticas estão contempladas pelo componente curricular designado como Educação Artística? Isso não é definido com clareza pelo uso no texto da lei, [...]. Apenas aos poucos - através de pareceres e resoluções do Conselho Federal de Educação (CFE), assim como a prática escolar-, vai sendo demarcado o campo da Educação Artística (PENNA, 2018, p.124).

Fica claro que há uma “confusão” nas interpretações das leis e uma flexibilização na área do ensino de Arte. A partir daí dá-se início ao que se chama de polivalência, ou seja, o professor de Educação Artística deve ser “capaz” e responsável pelo ensino das várias linguagens artísticas da instituição. Tal prática tornou “superficial” o ensino de todas as linguagens artísticas no ambiente escolar.

Entretanto, em 1996, houve uma nova mudança nesse modo de compreender esse componente escolar, a partir da implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, BRASIL, Lei 9394/96), que estabeleceu, em seu artigo 26, que “o ensino de arte é componente curricular obrigatório em todos os níveis de educação básica”. Arte passa a ser uma disciplina obrigatória, ganhando um “peso”, e de certa forma valorização do ensino de arte. Apesar da mudança de termo “Educação Artística” para “Ensino de Artes”, Penna (2018, p. 130) afirma que “[...] continuam a persistir a indefinição e ambiguidade, uma vez que a expressão ‘ensino de arte’ pode ter diferentes interpretações”.

Mesmo assim, é possível um avanço, quando a disciplina passa a ser obrigatória com o mesmo “peso” de outras disciplinas, conforme exposto sobre legislação anterior, que se referia à “Educação Artística” como “atividade educativa”. Contudo, Penna, (2004) considera que, mesmo com a LDBN integrando o ensino da Arte como uma das obrigаторiedades curriculares, não há garantia para a presença de Música nos currículos.

Em 2008, com a aprovação da nova Lei Federal nº 11 769/08, houve a inclusão do parágrafo 6º no art. 26 da 9394/96 “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”. A partir disso, acreditou-se que a música poderia se tornar uma nova disciplina obrigatória, em alguns estados e municípios até adotaram a disciplina de Música em seus currículos. Porém a obrigаторiedade descrita no parágrafo 6º é apenas do “conteúdo de música”, não caracterizando a criação de uma nova disciplina.

A partir de interpretações diversas, muitos municípios e estados realizaram concursos para professores de música<sup>4</sup>, representando um ganho para a educação musical. Por outro lado, a linguagem de dança ficou de certa forma prejudicada, pois o texto não a contemplava.

Em 2014, a Secretaria de Educação do Estado de Alagoas criou um Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas (EBREEAL) e tentou sistematizar o currículo para o ensino da Arte. Esse documento diz que,

No que se refere à importância do ensino da Arte, encontramos, no momento, em uma situação paradoxal: a Educação Básica demanda professores com uma formação genérica e polivalente que o ensino Superior, especializado, não supre (ALAGOAS 2014; p. 119).

De fato, a Universidade Federal de Alagoas não tem a formação “genérica e nem polivalente” e os cursos de Licenciatura ofertados são de Música, Teatro e Dança, que não contemplam essa demanda do referencial do estado. Além disso, sabemos que no Brasil a polivalência não deu certo no que se refere ao ensino de Arte. O Referencial cita, inclusive, a necessidade de haver um professor especialista em cada linguagem, mas que na atual conjuntura não é “viável”.

---

<sup>4</sup> É o caso, por exemplo, das redes municipais de São Carlos/SP, Florianópolis/SC e de escolas estaduais de Goiânia, que incluem música no currículo e contratam professores com formação específica (PENNA, 2018 ).

Entretanto, a proposta do referencial de 2014 do estado de Alagoas é que o professor “trabalhe a partir da sua linguagem específica, na qual realizou sua formação superior, desenvolvendo atividades que incluam, sempre que possível, as outras linguagens artísticas” (ALAGOAS 2014; p. 119). Ou seja, percebe-se que há um avanço no sentido do respeito à formação do docente.

Dentro dessa perspectiva, o “ideal” deveria ser um pensamento da integração das Artes. É o que Barbosa, (2017, p.8) defende, quando diz que:

Nas pesquisas sobre as Artes Integradas, que não podem ser confundidas com a perversa polivalência, mas que tem cada Arte o seu professor, todos trabalhando interdisciplinarmente, foram comprovados avanços individuais e coletivos em:

Autoconfiança

Melhoria do autoconceito

Capacidade de assumir riscos

Concentração de atenção

Perseverança

Empatia pelos outros

Auto iniciação à aprendizagem

Persistência em tarefas difíceis

Aprendizagem autoral

Habilidades de colaboração

Liderança

Evasão reduzidas

Aspirações educacionais mais altas

Habilidades de pensamento de ordem superior”.

Acredito que isso já esteja acontecendo na disciplina de Arte. Também o Referencial flexibiliza o ensino de Arte para que o professor se sinta mais “à vontade” para trabalhar.

Em 2016, a lei nº 13.278, alterou novamente o § 6º, do artigo 26, que antes tratava da obrigatoriedade do conteúdo de música, passando a ter a seguinte redação: “As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”. Como se pode ver, agora o texto da lei contempla todas as linguagens artísticas, inclusive a Dança. Isso “facilitou” (aceitação) o ingresso de professores em concursos públicos, como

também a atuação dos professores nas suas respectivas linguagens no ensino básico.

Em 2018, foi aprovada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que deverá ser implantada até 2022, e com ela o Novo Ensino Médio, mas o que esperar dessa nova mudança? Sei que aqui, no estado de Alagoas, a Secretaria Municipal já está implantando e a Secretaria Estadual de Educação já começou a discutir e está fazendo uma consulta pública para professores dar sugestões.

Enfim, as modificações criaram diversas interpretações que contribuíram para um fortalecimento, no sentido de contratação e aceitação dos professores licenciados em Música, e com isso, acredito, na qualidade do ensino de música nas escolas. Porém, sempre dependeremos das interpretações de cada gestor e de articulações políticas nas redes de ensino. Dentro dessa perspectiva, Penna (2018, p. 132) relata que “[...] tanto no ensino fundamental quanto no médio, as decisões quanto ao tratamento das várias linguagens artísticas ficam a cargo do estabelecimento de ensino”. Precisamos dar o máximo de visibilidade e qualidade ao ensino Arte e mostrar a sua necessidade para a sociedade.

## 1.2 CONCILIANDO ARTE E MEIO AMBIENTE

Sigo com o ponto inicial, dando ênfase à educação ambiental no Brasil, e a Lei Federal nº 9.795 de 27 de abril de 1999, que trata da Educação Ambiental e destaco dois de seus artigos:

Art. 1º Entendem-se por educação ambiental os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal (BRASIL, 1999; Art. 1º e 2º).

Nesse sentido, a construção de uma sociedade promissora, no quesito meio ambiente, deve perpassar de forma permanente na Educação Básica em todas as disciplinas, inclusive a de Arte, podendo também ser articuladas entre as linguagens (Teatro, Música, Dança e Artes Visuais) além de possibilidades interdisciplinares

dentro dos contextos sociais, políticos, culturais, entre outros, tanto de caráter formal, na instituição de ensino, por meio dos projetos, aulas, etc, quanto não-formal<sup>5</sup>.

Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) “O meio ambiente apresenta-se como uma fonte de conhecimento para criação artística.” (BRASIL, 1998; p,39). Importa citar que essa fonte também origina conteúdos pertinentes aos questionamentos trazidos a respeito da educação ambiental e que podem ser incorporados ao processo criativo do qual tratarei posteriormente. Já na Base Nacional Comum Curricular a área de Linguagens e suas Tecnologias propõe “a construção de projetos de vida [...] mas também saúde, bem-estar, relação com o meio ambiente” (BRASIL 2018; p. 488); percebe-se a abrangência do tema, mas como podemos, na prática, utilizar e conciliar Arte e Meio Ambiente?

Conforme Penna (2018, p. 20), “A arte de forma geral é uma atividade essencialmente humana, através da qual o homem constrói significações na sua relação com o mundo”. Já de acordo com Andrade (2008, p. 21), “Ela imita realidades imaginárias, para estabelecer novas relações simbólicas com o mundo.” Percebe-se que é possível conciliar estudos sobre o tema, de forma a criar relações simbólicas que ajudarão na percepção de significados do homem sobre o mundo que o cerca.

A Arte traz reflexões que ensejam questionamentos em relação às ações do homem com o meio ambiente. Para tanto, é preciso que aliemos o tema ao fazer artístico. Conforme Rizzi e Anjos (2010, p. 29), citando Ana Mae “o trabalho dos arte-educadores no sentido de despertar a consciência para o meio ambiente não é menos importante”. Na concepção atual, enaltecer a disciplina de arte é buscar seu espaço no ensino básico e “valorização” em relação a outras disciplinas. Ana Mae Barbosa (2017), em sua abordagem triangular (contextualizar, apreciar e praticar), visa também à interdisciplinaridade como fator primordial a ser inserida no contexto escolar, por entender que a arte tramita em várias áreas de estudo.

Freire (2000, p.27) cita, em suas cartas da Pedagogia da Indignação que “A desproblematização do futuro, não importa em nome de que, é uma ruptura com a natureza humana, social e historicamente constituindo-se.” Pensar como a disciplina de Arte pode dar direcionamentos numa sociedade promissora, não só na questão

---

Para GHANEM JUNIOR, E.; TRILLA, J.; ARANTES (...) A educação não formal acontece, devido ao relacionamento do indivíduo com o ambiente em que vive. Não está relacionada à educação ensinada pela família ou escola.

ambiental, mas também para questões que envolvem problemas sociais, culturais, políticos, etc, independentemente de quais sejam, o alvo sempre será o desenvolvimento do pensamento crítico para a construção de um futuro melhor.

É sabido que o tema “Arte e Meio Ambiente” abrange amplamente vários campos de estudos, sendo estes o sociológico, o geográfico, o antropológico, o econômico, dentre outros, e, com isso, disciplinas diferentes. Devemos reconhecer a importância da disciplina Arte neste processo, trazendo a interdisciplinaridade para reforçar o sentido do despertar consciente da natureza. Mas não se pretende aqui aprofundar essa temática, pois o importante neste momento é demonstrar como se intenciona conciliar e aliar os temas transversais para produzir Arte com conteúdo e despertar nos estudantes uma visão mais abrangente de mundo por meio de criações artísticas, especialmente na subárea de Música.

### 1.3 MEIO AMBIENTE, MÚSICA E EDUCAÇÃO MUSICAL

O entendimento construído sobre Arte e Meio Ambiente vem contribuir também para a educação musical, pois as conexões derivam para uma construção de conhecimentos, aliando a Música, a educação musical e o meio ambiente, o que reforça a ideia de que a “educação musical pode se engajar na conservação da biodiversidade e no compromisso ético-social” (FRANÇA, 2011; p.31). Entendemos que neste processo o engajamento é reforçado, pois a Música sendo utilizada como forma de expressão traz consigo forte apelo afetivo, mas precisa ser trabalhada como educação musical<sup>6</sup>.

Desta forma, acredito que seja atendido o compromisso com o meio ambiente, mas é importante destacar que “As artes, e mais especificamente a música, por serem um meio de expressão do ser humano, trazem também, intrínseca à sua história, representações de meio ambiente e natureza” (NUNES, 2005; p.41). Nesse sentido, a música em si, não fará o papel conscientizador, pois ela precisa ser contemplada de forma educativa, de fazer reflexões sobre o tema e de construir pensamento crítico.

---

<sup>6</sup> O termo "Educação Musical" abrange muito mais do que a iniciação musical formal, isto é, é educação musical aquela introdução ao estudo formal da música e todo o processo acadêmico que o segue, incluindo a graduação e pós-graduação; é educação musical o ensino e aprendizagem instrumental e outros focos; é educação musical o ensino e aprendizagem informal de música. Desse modo, o termo abrange todas as situações que envolvam ensino e/ou aprendizagem de música, seja no âmbito dos sistemas escolares e acadêmicos, seja fora deles (ARROYO, 2002, P. 18 e 19).

Basicamente, para França (2011, p.32) a “educação musical e educação ambiental possuem vários pontos de contato. Vejo tal afinidade operando em três eixos: pragmático ou atividades, o da paisagem sonora e o ético-estético” que comungam entre si como a própria autora destaca. Essa conciliação se dá no processo de ensino e aprendizagem, tanto na forma como abordamos o tema, por exemplo, com atividades direcionadas para construção do senso crítico usando também o estudo da ecologia acústica<sup>7</sup>, quanto na afetividade da utilização da música em relação e correlações com a ética e com a estética.

A construção deste Projeto surgiu da necessidade de preservação do meio ambiente, e de se criar Arte com conteúdo para atividades de conscientização da sociedade, além de construir relações de integração do ser no processo criativo para, então, tentar sensibilizar as pessoas por meio das criações musicais e *performances*.

O próprio tema já possui, em seu embrião, a capacidade de gerar uma série de discussões, debates e questionamentos, que serão aproveitados no desenvolvimento artístico de construção do conhecimento para a produção das obras. Alguns desses questionamentos seriam: como a Arte pode mobilizar, sensibilizar e conscientizar as pessoas? Como o indivíduo interage com o meio ambiente (causas e efeitos)? Há esperança e soluções? Em caso afirmativo, quais seriam essas soluções?

Portanto, é preciso atuar como professores conscientes de uma educação musical e ambiental voltada para o social e para a sustentabilidade. Mas, para que se tenha condições de tratar desse tema, acredito ser necessário, cada vez mais, promover ações - em todos os ciclos da Educação Básica - que façam os indivíduos refletirem de forma efetiva e interdisciplinar, com o objetivo de atuar em defesa do meio ambiente. Assim, promovendo ações de proteção, conservação, preservação e recuperação, trazendo propostas pedagógicas viáveis e cada vez mais buscar alternativas para um desenvolvimento sustentável.

---

<sup>7</sup> A ecologia acústica é, assim, o estudo dos efeitos do ambiente acústico, ou a paisagem sonora, sobre as respostas físicas ou características comportamentais das criaturas que nele vivem. Seu principal objetivo é dirigir a atenção aos desequilíbrios que podem ter efeitos insalubres ou hostis. (SCHAFER, 2011, p. 364).

## 1.4 COMPOSIÇÃO NA SALA DE AULA

### 1.4.1 Similaridades da Composição e Criação Musical na Educação Musical

Foi possível discorrer sobre o entendimento dos dois termos (composição e criação musical) por acreditar terem similaridades, condicionadas às abordagens na educação musical de pesquisadores e professores. A partir da abordagem em sala de aula, dentro do contexto de ensino de Música, na educação musical são inseridos esses termos que para Madolozzo (2015 p. 9) “A criação é o momento em que o aluno toma os elementos sonoros e os organiza em forma de um discurso com intenção de ser música”. Neste sentido, a apropriação desses elementos sonoros, e de seu domínio técnico, se deve ao conhecimento adquirido pelo aluno, dentro ou fora da sala de aula, a partir do momento que são sonoramente organizados, são reconhecidos como discurso musical. Nesta mesma perspectiva, referindo-se à composição, discorre França e Swanwick (2002; p.11)

As composições feitas em sala de aula variam muito em duração e complexidade de acordo com sua natureza, propósito e contexto; podem ser desde pequenas ‘falas’ improvisadas até projetos mais elaborados que podem levar várias aulas para serem concluídos. Mas desde que os alunos estejam engajados com o propósito de articular e comunicar seu pensamento em formas sonoras, organizando padrões e gerando novas estruturas dentro de um período de tempo, o produto resultante deve ser considerado como uma composição independentemente de julgamentos de valor.

As autoras (FRANÇA E SWANWICK) propõem uma educação musical mais abrangente, já na perspectiva do tripé: composição, apreciação e *performance*, e destacam a composição como processo que “[...]acontece sempre que se organizam ideias musicais elaborando-se uma peça[...]” (2002, p.9). Percebe-se, nas citações acima, que os autores praticamente não diferem os pensamentos quanto aos conceitos sobre os termos (composição e criação musical). Nesse sentido, acredito que a composição na sala de aula é resultado, como um todo, de procedimentos pelos quais o professor utiliza de metodologias composicionais para que os alunos produzam as ideias musicais até a conclusão da obra. A criação musical é a ação desenvolvida nestes processos de escolhas de materiais sonoros e técnicas utilizadas que comungam no fazer musical; a criação poderá ser improvisada ou concebida dentro de regras preestabelecidas para fazer a obra.



#### 1.4.2 Composição e criação musical na sala de aula - princípios pedagógicos

A composição musical escolar no Ensino Médio tem como primícias na educação musical utilizar a “[...] criação musical e sua aplicação como atividade fundamental do ensino de música”. (MADALOZZO, 2015, p.31). Deste modo, o ensino de Música vivenciado, neste argumento composicional, também serve para contextualizar a teoria musical *versus* prática. Finck (2001, p.99) destaca que “o criador, de forma solitária, planejará este objeto sonoro tendo em vista alguns parâmetros pré-fixados ou ideias oriundas de *insights* musicais”. França e Swanwick (2002, p.8) de forma mais abrangente falando sobre composição, apreciação e performance afirmam que “cada uma delas envolve diferentes procedimentos e produtos, conduzindo *insights* particulares em relação ao funcionamento das ideias musicais”.

Nesse sentido, todos os autores defendem a importância de trabalhar composição musical no ensino de Música em sala de aula, e, que as ideias musicais e *insights* sucedem com o planejamento de metodologias que propiciam ao aluno um caminho do pensamento para o discurso musical. França e Swanwick (2002) dizem que compor é “uma forma de se engajar com os elementos do discurso musical de uma maneira crítica e construtiva, fazendo julgamentos e tomando decisões”. (SWANWICK 1992, p. 10; apud FRANÇA E SWANWICK, 2002; p. 18). Assim, pretendi criar possibilidades para despertar o interesse do fazer musical, que seja no engajamento das atividades desenvolvidas para a criatividade, pois sabemos que a música por si já faz parte da vida e do cotidiano do aluno. Com isso, devemos gerar condições que contribuam, de forma organizada, para o desenvolvimento musical do aluno, além de aprimorar o seu senso crítico e construtivo, para a produção de um discurso musical mais elaborado.

#### 1.5 PONTOS TRABALHADOS NA ESTRUTURAÇÃO MUSICAL EM SALA DE AULA

A base das atividades desenvolvidas neste projeto, principalmente na segunda fase, foi pensada dentro da estrutura musical dos elementos básicos: ritmo, melodia e harmonia, considerando também outros elementos estruturais como: a forma musical (introdução, estrofe, refrão, entre outros) distribuídos em partes, de maneira mais acessível para o entendimento do aluno. Os estudos foram feitos a partir de uma abordagem simplificada das formas musicais tradicionais como, por exemplo: forma binária, forma ternária, forma rondo, entre outras. Também não foi abordada a

forma musical sobre o aspecto [...] “da morfologia do som, foco de muitas pesquisas a partir do advento do microsom” (SANTOS, 2019; p.267). Pretendi tratar a forma musical como Rossetti e Ferraz (2016, p. 66): “a arte do século XX tomou um rumo diferente no que diz respeito à forma musical. Ao invés da forma musical predeterminada, a forma passou a ser gerada juntamente ao próprio material composicional.” Portanto abordamos a forma canção sem ser predeterminada ou sem ter um padrão definido de partes. Nesse sentido, devemos considerar a forma canção mais livre (genérica), cabendo ao compositor escolher os elementos (da canção) que utilizará na sua composição, a exemplo de introdução, estrofe, refrão, ponte, versos, entre outros. Aqui, as orientações do professor (de música) são fundamentais, principalmente na tarefa de reforçar no aluno a importância de explorar com interesse esses elementos, conduzindo-os sobre como irão construir cada uma das partes.

Para auxiliá-los no desenvolvimento das atividades propostas, criei uma tabela para servir como referência. A tabela explica os conceitos sobre alguns elementos musicais da forma canção que serviram de base para a criação das composições e os direcionaram na construção de suas obras e sobre as apreciações pertinentes ao estudo.

**Quadro 1 - Conceitos utilizados nas aulas sobre forma musical e seus elementos**

Forma Canção (elementos que constituem a obra)	A construção da obra com seus elementos já definidos: introdução, estrofe e versos (A, B, C...), refrão, ponte e suas repetições e variações.
Introdução	Aparece no Início da canção geralmente pode ser apresentada como um solo instrumental ou uma progressão harmônica preparando para o início da estrofe. Muitas vezes definindo o tom da música dando segurança ao intérprete para iniciar a canção.

Estrofe ou verso (frases)	É o texto da canção que fala do tema, as vezes é apresentada com uma melodia (cantada) ou utilizada sem melodia (falada). Também podendo ser chamadas de Partes A, B, C...
Refrão	É um trecho da canção em verso que aparece mais de uma vez. Geralmente é mais evidenciado (destacado)
Ponte	Ligação entre as partes. Pode ser uma preparação harmônica para iniciar “outro movimento” na música (estrofe para refrão, solo instrumental para estrofe 2)
Expressão corporal (postura)	É a maneira como se coloca o intérprete ou o grupo. Como o aluno pode se expressar com o corpo.

Entretanto, vale lembrar que na prática em sala de aula, os alunos tiveram atividades de apreciação musical com o objetivo de identificar os elementos das canções (introdução, estrofe, refrão, entre outros). Utilizei obras de vários compositores (já citados anteriormente), para construir uma ideia de forma musical,

que no nosso caso se fixou na forma canção. Os critérios de escolha dos elementos partiram dos grupos; com o acontecer das aulas por perceberem que poderiam organizar e elaborar melhor a composição.

## 1.6 A CRIAÇÃO MUSICAL: O QUE É E COMO SE OPERA

A criação musical é um fenômeno essencialmente humano, que se constrói através de conhecimentos técnicos musicais e das vivências do próprio contexto sociocultural de cada pessoa de forma individual e coletiva. A partir dessa premissa, discorro sobre criação musical dentro do contexto escolar no Ensino Médio, em dois pontos essenciais: 1) Como compor dentro das perspectivas do contexto histórico-social-cultural do indivíduo, com motivos e intenções. 2) Necessidade e perspectiva de conhecimentos técnicos musicais dos professores e dos estudantes.

Considerando o primeiro ponto, presumo que o sujeito é um produto do meio em que vive, mas que ele possui a capacidade de inovar e se reinventar, ou por meio de estudo ou por situações adversas, acedendo, dessa forma, com Maheire (2003, p. 147), a qual afirma que “[...] o sujeito é constituído e constituinte do contexto social, e a música como uma linguagem reflexivo-afetivo, capaz de construir sentido coletivos e singulares.” Neste sentido, ao propor a construção de uma música com um tema específico, delimitando com o tema a obra, e isso no seu contexto de vivências musicais, cada indivíduo, traz suas reflexões e afetividades.

Maheire (2003, p.152) menciona que “[...] o processo de criação musical deve ser compreendido sempre como produto histórico-social, completamente inserido no contexto no qual se dá”. Na sua dissertação, o processo de criação está relacionado ao indivíduo que é o músico, amador e profissional, e a autora se fundamenta nos trabalhos de Sartre e Vygotsky. O motivo da criação aqui foi proposto para que os estudantes tivessem estímulos e intencionalidade para produzir música, através dos pré-textos para a criação musical. Portanto, em busca de uma consciência sociocultural e artística, Brito (2001, p. 47), citando Koellreutter,

[...] define consciência como capacidade do [sic] homem aprender os sistemas de relações que o determinam: as relações de um dado objeto ou processo a ser conscientizado como meio ambiente e o eu que o aprende; não se refere a consciência como conhecimento formal, nem como mero conhecimento ou qualquer processo de

pensamento, mas, sim, como forma de inter-relacionamento constante, como ato criativo de integração.

Este ato criativo de integração homem e natureza/arte com o meio ambiente, é um dos pontos essenciais e determinantes no processo de conscientização, que também pertence ao desenvolvimento da criação artística - tanto na prática em sala de aula, propondo ideias, quanto no fazer artístico da *performance* apresentando sua obra. Construindo e criando, assim, significados que permitam ao homem a capacidade de aprender e se relacionar de forma consciente com o meio em que vive.

Paralelamente, como mostra Penna (2008, p. 100) “[...] a possibilidade de buscar e construir os caminhos necessários para o diálogo intercultural inicia-se com a disposição em olhar para o aluno e acolher as suas práticas culturais”. A aceitação dessas práticas culturais na Dança, na Música e entre outras linguagens é fundamental, acolher o que há de melhor, e buscar inserir ou apresentar outros parâmetros musicais sem desmerecer os dos alunos.

A ideia foi desenvolver os conhecimentos musicais já adquiridos e estimular a produzirem suas criações musicais e *performances*, a partir do estudo dirigido e da pesquisa orientada sobre Arte e Meio Ambiente. Também definir juntos as abordagens e caminhos, entre dúvidas e soluções, que deem conta de responder às diversidades inerentes a cada campo ou vertente de maneira criativa, prazerosa, produtiva e sensível, retratando, com clareza e circunstância, o atual estado das políticas de salvaguarda e proteção do nosso patrimônio material e imaterial.

Ao professor coube a missão de estimular o processo do pensamento crítico, questionar as proposições, responder à curiosidade, propor novos desafios, instigar novas ideias, manter a motivação, a autoestima e o bem-estar de todos. A atuação também de deu na construção dos processos individuais e coletivos, de forma direta ou indireta, sugerindo caminhos e construindo um percurso consciente para criação musical e *performance*.

Segundo Finck (2001, p.31) “[...] o produto criativo pode ser avaliado sob diversas formas, principalmente, pelo impacto que causa em áreas específicas do conhecimento, ou pelo preenchimento de necessidades sociais existentes”. Neste caso, o impacto causado na área do conhecimento musical depende da intenção da criação e do criador, cabendo à criação ser provocativa ou não. No entanto, o

indivíduo já está inserido diante das necessidades de questões sociais existentes em contextos variados; neste sentido, suas próprias razões dão subterfúgios para suas criações e intervenções.

No segundo ponto, discute-se necessidades técnicas, ou seja, as habilidades, o saber tocar um instrumento musical ou cantar, e de conhecimento teórico específico de música, que compreende harmonia, ritmo, melodia, estruturação e forma musical, necessárias para a criação musical. Tenho percebido em minhas aulas que há necessidade também do professor ter, pelo menos, habilidade com um instrumento musical, mas o “ideal” é que, além disso, ele tenha uma boa noção de ritmo, melodia e harmonia, noções de estrutura musical, forma musical e arranjo. Portanto, com esses domínios o professor auxilia em todo o processo de criação de forma consciente direta ou indireta.

Defendo que há necessidade da formação específica do professor de Música licenciado na sala de aula do ensino básico. Compactuando com o pensamento de Swanwick (2003, p. 14), ele nos diz que “não podemos ensinar nem pensar de forma criativa sobre o ensino daquilo que nós não compreendemos”. O autor retrata sobre a natureza da experiência musical e das implicações sobre a perspectiva da educação musical ao que se espera, ao menos, que o professor tenha experiência e conhecimento musical. Assim sendo, a formação é primordial, ou seja, o professor de Música poderá sugerir os caminhos para criação usando seus conhecimentos pedagógicos e musicais nas resoluções de problemas técnicos; com isso, os resultados serão mais significantes.

Outro ponto é a participação ativa do professor [de música] no processo criação musical, sabendo que nesse quesito ter o conhecimento adequado é essencial, tanto na música e na noção de suas teorias, quanto na educação musical e no ensino-aprendizado e seus princípios. Nesta perspectiva, Beineke afirma:

[...] é necessário que o professor de música participe ativamente, provocando interação entre as crianças através de discussões sobre trabalhos produzidos, processo que exige equilibrar a liberdade e o agenciamento da aprendizagem com a estrutura estabelecida do professor (2009, p.174).

Esta articulação do professor deve ser mensurada de forma a não prejudicar o processo de criação do aluno e, ao mesmo tempo, não deverá ser liberal para deixar ocorrer o processo de criação de forma aleatória, como aponta Craft *et al.* “pois muita determinação pelo adulto restringe [...] sua capacidade de desenvolver suas

próprias ideias,[...] a liberdade excessiva[...] não lhes permitir ir além daquilo que já são capazes de realizar por si próprias”. (apud BEINEKE, 2009, p.174). É importante ressaltar que o professor esteja sempre se policiando para que o equilíbrio aconteça, dosando, nos dois sentidos, para não impedir o desenvolvimento do aluno e gerenciando todo processo com cautela e sabedoria.

Já com os estudantes foram desenvolvidas as habilidades que eles adquiriram durante o ensino fundamental e durante seu percurso até o momento. Portanto, no projeto, o aproveitamento das habilidades foi conduzido para a criatividade com uso das possibilidades de: exploração dos sons dos instrumentos musicais; utilização eletrônica e sons sintetizados; exploração das dinâmicas e seus efeitos; do “colorir” as músicas com timbres diversos; da mistura de ritmos e estilos musicais; produção de letras, textos e sua rítmica para obras; utilização do corpo como instrumento musical; uso do som elétrico e acústico e seus efeitos na música; das formas musicais e dos motivos musicais. Além de tudo, foi despertado no aluno - principalmente naqueles que nunca tocaram nenhum instrumento - a curiosidade de aprender, vivenciando uma experiência musical. Àqueles que já tocam, o propósito foi ensinar mais elementos, buscando alternativas para fazer e concluir a obra.

Deste modo, para todos os estudantes, o que deve prevalecer é a importância de aprender Música fazendo música, usando a prática musical como um elemento propulsor do entendimento da música, mostrando como ocorrem as teorias musicais no processo, mas utilizando a educação musical como direcionamento dentro do ensino-aprendizagem.

## **2 O PROCESSO METODOLÓGICO NO CASO ESTUDADO**

*Um estudo de caso contribui, sim, para o desenvolvimento do conhecimento na área de pedagogia ou de educação musical, na medida em que permite conhecer, de modo sistemático e cientificamente controlado, uma realidade concreta – por exemplo, a prática desenvolvida em uma determinada escola[...] (Penna, 2017, p. 103)*

O trabalho foi desenvolvido como estudo de caso, realizado dentro de uma perspectiva da minha prática de sala de aula, sob o questionamento: como sistematizar o processo de criação musical na escola pública no ensino médio?

Dando continuidade à proposta, esse trabalho ocorreu nas classes do terceiro ano do Ensino Médio, nos turnos matutino e vespertino da Escola Estadual Theotônio Vilela Brandão, no bairro da Jatiúca, mais especificamente no ano letivo de 2019. As aulas foram ministradas com duração de uma hora semanal, no ensino regular. Ao todo foram nove turmas, formadas por grupos de oito pessoas cada, além de apresentações individuais para aqueles alunos que não quiseram trabalhar em grupo.

Esse trabalho ocorreu em duas fases, para facilitar o entendimento do processo criativo. A primeira fase aconteceu no 3º bimestre, e abordou as linguagens artísticas, buscando desenvolver as criações nas linguagens de Música, Dança, Teatro e Artes Visuais, de forma a abranger as habilidades adquiridas pelo aluno do Ensino Médio na disciplina de Arte (como já foi dito), mas o objetivo foi fazer apenas uma amostragem das escolhas dos estudantes em relação às linguagens. Porém, sem discutir de forma detalhada os trabalhos apresentados nas linguagens, o propósito, além do estudo e compreensão do tema gerador, foi verificar quais desses trabalhos selecionar para as criações musicais a serem trabalhadas na segunda fase.

## 2.1 PRIMEIRA FASE

Na primeira fase do processo, foram iniciados estudos e discussões sobre o tema gerador. Em seguida, indicadas as atividades de criações artísticas pelos alunos, individualmente e coletivamente, estimulando-os a buscarem ideias para suas criações (respeitando suas habilidades), procurando o potencial do grupo nas linguagens, fazendo debates, fundamentando e apresentando sugestões para futuras obras.

Nessa fase do trabalho, a pretensão foi desenvolver o tema no sentido de criar um ambiente de discussões e debates, mostrando os problemas locais e buscando alternativas para resoluções destes. Foi preciso falar do meio ambiente, partindo do contexto sociocultural de cada um, ou da própria atitude individual; logo após, no contexto familiar (em suas casas), em suas comunidades em geral (escolar e de seus bairros), seguindo um juízo crítico do “micro” para o “macro”, questionando, por



exemplo: “Como eu descarto o meu lixo?”, “Como a minha família descarta o lixo?”, “Como minha comunidade descarta o lixo?” acreditando-se que o conhecimento consciente possa desenvolver o senso crítico.

### 2.1.1 Escolhas das linguagens

Logo após essas atividades, como proposta, foi solicitada aos grupos a realização de trabalhos por meio de criações artísticas performáticas. Nesta fase, foi permitido aos alunos fazer a escolha das linguagens (Música, Teatro, Dança, Artes Visuais). Dessa forma, também estaria sendo contemplada a BNCC, a qual enfatiza que devem ser trabalhadas as progressões artísticas adquiridas pelos estudantes durante sua trajetória do Ensino Fundamental e a Lei Federal 13.278 de 02 de maio de 2016.<sup>8</sup> E também as inclinações artísticas discentes.

Essas tarefas foram realizadas na seguinte sequência didática: primeiro os alunos estudaram o tema proposto, com leituras de textos; por exemplo, o texto jornalístico de Marina Santos Chiappeta (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2019) “Arte e meio ambiente: grandes vertentes e poderes questionadores”, fazendo debates, pesquisas e ações. Em seguida, foram formados grupos de acordo com as escolhas das linguagens, de maneira que os alunos pudessem produzir suas obras conforme conhecimentos já adquiridos em sua trajetória do Ensino Fundamental ao Ensino Médio, mas tendo como foco da pesquisa atuar nas composições musicais que aconteceram naquele período.

O tema gerador “Arte e Meio Ambiente” foi a mola propulsora de articulação e de composição de ideias das obras construídas. Foram feitas discussões sobre o tema, com orientações sobre quais trabalhos poderiam ser produzidos, seguindo para as apresentações em sala de aula. Foram feitas, ainda, sugestão de reescrita, - intervenções durante as apresentações - com eventuais propostas de modificação no sentido de amadurecer o trabalho.

## 2.2 CRIAÇÕES MUSICAIS, SEGUNDA FASE.

A segunda fase aconteceu no 4º bimestre, já direcionado para criação musical, com o objetivo de investigar e sistematizar o processo de criação musical. A concepção foi desenvolver questionamentos de como se deu o processo criativo,

---

<sup>8</sup> Alteração na LDB sobre o ensino de Arte: § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste do artigo 26.

quais intervenções ajudaram no processo, quais as trocas de conhecimentos musicais (alunos *versus* professor de Música); como houve a inserção de conceitos musicais (aprender Música fazendo música); quais procedimentos ou metodologia foram usados da educação musical no ensino-aprendizado, entre outros fatores.

Na segunda fase, o objetivo principal foi o de investigar e descrever o processo de criação musical, além de apresentar uma mostra pública dos resultados alcançados.

A ideia era desenvolver e reelaborar as criações musicais com *performances* na linguagem musical apresentadas no 3º bimestre e, com isso, propor mudanças na estrutura e na forma musical, além de sugerir intervenções nas composições, (re)arranjar as músicas, “melhorar” as *performances*. A princípio, foi utilizada a proposta da aula no formato de oficina de música, como bem coloca Maura Penna:

A proposta pedagógica da oficina traz, sem dúvida, indicações valiosas: ao ampliar a concepção de música e de material musical, torna o trabalho criativo mais acessível, pois deixa de depender de uma longa formação voltada para o aprendizado da notação tradicional, das regras de harmonia ou contraponto (PENNA, 2018; p. 176).

Neste sentido, através das oficinas de música, buscou-se inserir novas concepções musicais, mostrando possibilidades sonoras, acústicas e tecnológicas na construção do fazer musical, oferecendo uma exploração de novas experiências voltadas para o aprendizado da Música fugindo da concepção tradicional dos métodos de harmonia e contraponto. Na exploração de experiências musicais, os alunos buscariam conceitos vivenciados por meio dos sons e da música, portanto considerando também o que Swanwick diz sobre o discurso e a fluência musical dos alunos:

É precisamente a fluência, a habilidade auditiva de imaginar a música, associada à habilidade de controlar um instrumento (ou voz), que caracteriza o jazz, a música indiana, o rock, as músicas dos *steel-pans* [do Caribe], uma grande quantidade de música computadorizada e a música folclórica em qualquer país do mundo. (SWANWICK, 2003; p. 69).

Os materiais utilizados em sala de aula foram: um teclado, violões, um *cajón*, pedal de efeitos, pandeiros, uma caixa de som e instrumentos não convencionais como garrafas e aplicativos de celular. Esse material está disponível na escola. Caso fossem necessários outros instrumentos, esses seriam trazidos pelos estudantes, de acordo com as demandas.

Dentro das possibilidades e realidades locais, a intenção era de criar uma expectativa de desenvolvimento sociocultural sobre consciência ambiental, mostrando que a música pode ser uma ferramenta desencadeadora de mudança nesse processo.

Como aponta Swanwick (2003, p. 40), “a música não somente possui um papel de reprodução cultural e afirmação social, mas também, potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação, a evolução, a mudança.”

Pode-se se dizer que a mudança, além de ser musical, passa a ser sociocultural, contribuindo com o desenvolvimento e podendo aumentar a capacidade do indivíduo de crescer potencialmente na música e nas suas relações socioculturais. As obras musicais e as *performances* trouxeram, dentro do contexto, exposição de experiências estéticas, sociais e culturais, além de contribuir para o progresso musical dos estudantes.

Nessa fase de execução dos trabalhos com os alunos, refleti sobre os processos de criação musical, a exemplo de como criar a letra, compor uma melodia, harmonizar a melodia, criar sequências de progressões harmônicas, inserir os estilos musicais e definir a estrutura e os arranjos das obras. Tudo isso, buscando aprimoramento e elaboração musical dentro da progressão individual e coletiva dos estudantes.

As orientações, intervenções e modificações ocorreram a partir dos trabalhos apresentados no 3º bimestre (primeira fase) na sala de aula, especificamente com os grupos envolvidos. O professor observou a atuação e o desempenho dos alunos nas criações artísticas e selecionou os grupos que apresentaram composições musicais para desenvolver a pesquisa. A ideia era registrar o trabalho apresentado por eles naquele momento e propor mudanças, mas também pesquisar quais recursos eles utilizaram, de que maneira eles conseguiram compor, que ferramentas e recursos tecnológicos utilizaram e avaliar se o resultado foi satisfatório. A partir daí, o foco nas composições musicais foi privilegiando forma e textura musical, harmonia, técnica vocal, postura, entre outros.

Nas discussões com os alunos foram abordados assuntos específicos de Música, a partir da realização de oficinas, laboratórios de criação musical e *performances*. Destaco, nesse sentido, as atividades musicais que foram inseridas

dentro do ano letivo vigente, a exemplo de “Paisagem Sonora<sup>9</sup>” de Schafer, que foi usada em sala de aula no segundo bimestre, com atividades relacionadas à percepção musical e composição musical contemporânea, abrangendo alguns pontos que acredito ser importantes para reelaborar as composições com uma visão mais diferenciada de Música, além de verificar o contexto das composições, para buscar um maior entendimento do fazer musical e, ao final, fazer as comparações dos resultados obtidos no 3º para o 4º bimestre, com intuito de mostrar as dificuldades, erros, acertos e caminhos para construção da criação musical. Finalizei o 4º bimestre, com uma mostra pública, onde os alunos apresentaram as *performances* dos trabalhos concluídos.

### 3 REGISTROS: PROPOSTAS E PROCESSOS

O Projeto foi dividido em duas fases, sendo a primeira de preparação e discussão sobre o tema gerador para a criação das obras. Essa fase aconteceu durante sete aulas/encontro. Nesse momento foram feitas atividades relacionadas às múltiplas linguagens artísticas, ocasião em que também ocorreu a escolha das linguagens conforme a preferência dos alunos, de acordo com a habilidade de cada um. No contexto da proposta, a partir do processo avaliativo existente na escola, foi necessário criar duas avaliações, uma qualitativa orientada para a análise das criações artísticas apresentadas em sala de aula (audição pública); e outra quantitativa, por meio de uma prova objetiva sobre o tema gerador.

Na segunda fase, também com sete aulas/encontro, foram realizadas atividades de ensino de Música tendo como base as obras apresentadas na primeira fase, no intuito de dar continuidade ao aprendizado musical. As abordagens foram para complementar os estudos relacionados a conceitos técnicos referentes à teoria e à prática musical.

Nessas duas etapas foi possível verificar como aconteceram os processos e quais mecanismos foram usados pelos alunos para compor, o que facilitou na construção das obras. Essas etapas serviram, também, para mostrar as

---

<sup>9</sup>Paisagem sonora é um conceito com origem na palavra inglesa *soundscape*, que remete à observação do universo sonoro que nos rodeia. O termo foi criado por um grupo de pesquisadores dirigido pelo compositor Raymond Murray Schafer. Uma paisagem sonora é composta pelos diferentes sons que compõe um determinado ambiente, sejam esses sons de origem natural, humana, industrial ou tecnológica. O estudo de paisagens sonoras enquadra-se no âmbito da Ecologia Acústica.

necessidades de o professor ter formação em Música, necessitando de conhecimentos específicos que tratarei a seguir. Também trato de apontamentos do que ocorreu em cada criação musical, incluindo os relatos das intervenções musicais feitas na segunda fase; mostro atividades que ajudaram a motivar os alunos na construção do projeto e finalizo com a *performance* no festival de Música da escola.

### 3.1 O DESENVOLVIMENTO DIDÁTICO

O roteiro abaixo seguiu a mesma padronização para todas as turmas, porém, no decorrer do processo didático, foram ajustadas algumas particularidades de acordo com as respostas da metodologia aplicada com cada turma, visando um melhor aproveitamento.

**Primeira fase** - Sete aulas de uma hora cada, distribuídas da seguinte forma:

#### **1ª aula: Apresentação do tema e debate inicial.**

Nessa aula foi apresentado o tema gerador arte e meio ambiente. Expliquei sobre a proposta de criação artística, ressaltando que, de acordo com as habilidades adquiridas em seu contexto social e cultural, no campo artístico, teriam que produzir uma obra e essa obra deveria ser inédita e autoral. Para o desenvolvimento desse trabalho foram formados grupos de até 8 pessoas.

As criações poderiam partir dos textos gerados nas discussões do tema gerador para serem musicados, ou a partir da criação de sequências harmônicas, de melodias e ritmos (estilos) para posteriormente inserir os textos. Durante o processo, foram mostrados exemplos de como alguns compositores da música popular brasileira compõem suas canções. Os exemplos apresentados foram Djavan, que, ao falar sobre seu processo de composição explica que prepara primeiro as progressões harmônicas, o ritmo (estilo) e arranjos, e só depois coloca a melodia e a letra. O cantor e compositor da banda Engenheiros do Havaí, Humberto Gessinger, que primeiro faz a letra e só depois cria a melodia e o arranjo. Ele relata que poucas são as vezes em que letra e música surgem ao mesmo tempo. Esses exemplos serviram como ponto de partida para o grupo iniciar os trabalhos.

Finalizando a aula, os instruí para que conversassem sobre as ideias para uma apresentação pública, que pesquisassem a respeito do tema gerador e quais linguagens artísticas poderiam ser desenvolvidas para representar o tema.

## **2ª aula: Atividade de pesquisa: vertentes do meio ambiente. Distribuição dos grupos por linguagens.**

Iniciei a aula falando de ativistas no campo artístico que trabalham com vertentes sobre o meio ambiente. A intenção era trazer exemplos para começar o debate a partir das pesquisas que os grupos trariam para discussão, ocasião em que trataríamos das escolhas das linguagens e suas respectivas obras. Durante esse processo, alguns grupos tiveram dificuldade na escolha da linguagem artística a ser trabalhada. Para ajudá-los, fiz alguns questionamentos sobre as ideias apresentadas e suas linguagens: como irão construir a obra de acordo com as habilidades individuais dentro do contexto do grupo? De quais recursos físicos e técnicos precisariam para fazer a obra? Como seria estruturado o cronograma e suas etapas? A partir disso, os grupos puderam direcionar com qual linguagem teriam mais afinidades *versus* a possibilidade de execução do trabalho. Cabe destacar que houve grupos em que todos os integrantes demonstraram afinidades com apenas uma única linguagem artística, o que facilitou no processo de escolha. Esse pequeno questionário muito me auxiliou a conhecer as habilidades dos alunos em cada grupo e a ter uma visão mais ampla de cada indivíduo na classe.

O projeto foi desenvolvido em nove turmas. Cada turma possuía entre quatro e sete grupos trabalhando com diferentes linguagens. Abaixo pode-se ter uma visão desses grupos:

- Grupos do **Audiovisual** – produção de documentário sobre o lixo em seu bairro e ações voltadas para educação ambiental na escola.
- Grupos das **Artes visuais** – produção de quadros e esculturas.
- Grupos das **Artes cênicas** – produção de peças teatrais para encenação na escola.
- Grupos de **Dança** – produção de *performance* de dança para retratar o tema.
- Grupos do Figurino de **Moda** – produção de peças de bijuteria a partir de materiais reaproveitados.
- Grupos da **Poesia** – produção de poesias para serem recitadas.

- Grupos da **Música** – produção de composições musicais.

A partir das definições dos grupos e das linguagens, foi solicitado que nas próximas aulas fossem apresentadas as ideias de produção e execução de cada projeto de acordo com as escolhas estabelecidas.

### **3ª aula: Conscientização e ideias.**

Iniciei a aula com um debate sobre o lixo produzido na classe. A intenção era provocar uma discussão e conscientização dos hábitos relacionados ao contexto escolar, questionando o fato de alguns alunos ainda jogarem lixo no chão da sala de aula de maneira inconsciente. Após essa breve discussão, conduzi os grupos na apresentação das ideias. Percebi, naquele momento, a grandeza que é trabalhar com várias linguagens; mas compreendi, também, a necessidade de um professor especialista em cada área específica das linguagens artísticas, pois as orientações naquele momento foram dadas com as “limitações do professor<sup>10</sup>”. Porém, minha intenção era desenvolver um ensino de Música em diálogo com outras áreas artísticas tentando aproveitar as habilidades dos alunos.

Após as apresentações das ideias sugeridas pelos grupos, foi discutida a construção da obra. Neste ponto, ao perceber as dúvidas, utilizei, sempre que necessário, os questionamentos citados anteriormente no intuito de provocar respostas que viabilizassem as produções. Com isso, foi possível fazer alguns ajustes e mudanças para dar início à construção das ideias para a criação das obras. Este ponto serviu para firmar e desenvolver o projeto.

### **4ª aula: Consolidando as ideias.**

Nesta aula, cada grupo apresentou para a classe, um esboço das criações e das ideias já consolidadas. O objetivo era promover um desenvolvimento coletivo por meio de perguntas sobre o produto apresentado. Os alunos podiam sugerir melhorias nas obras e aproveitar ideias de outros grupos para resolver problemas pontuais de suas criações. Essa colaboração coletiva contribuiu para sanar eventuais dúvidas quanto à concepção do trabalho de alguns grupos. Após essas

---

<sup>10</sup> A minha especialidade é a música.

trocas de ideias e finalização das discussões, os grupos iniciaram a montagem da criação/produto.

### **5ª aula: Ensaios e produções.**

A metodologia dos ensaios e da produção necessária para a realização das criações iniciou-se com a separação dos grupos em diversos espaços da escola: auditório, laboratório de informática, salas de aula. O objetivo era buscar ambientes alternativos onde cada grupo pudesse desenvolver suas habilidades no processo de criação, de acordo com a linguagem escolhida (Música, Artes Visuais, Dança, Teatro, Audiovisual e Moda). Os trabalhos foram desenvolvidos a partir do escopo de cada criação. Nos grupos de Música, Dança e Teatro, a principal demanda foi ensaiar para desenvolver a obra; nos grupos das Artes Visuais e Moda, a produção e a confecção a partir de materiais reaproveitáveis foram a tônica; no grupo do audiovisual, a realização se deu a partir da elaboração do roteiro e da produção das filmagens e fotos. Todos os grupos estavam sendo direcionados para a finalização dos trabalhos. No entanto, houve certo “desnível” entre os grupos. Enquanto alguns se encontravam num estágio mais avançado (terminando a obra), outros estavam com dificuldades em avançar, precisando resolver problemas pontuais, sem possibilidades de conclusão. Trabalhei com cada grupo em particular no sentido de sanar problemas eventuais e incentivando-os a dar prosseguimento ao trabalho.

### **6ª aula: Ensaios e produções para finalização dos trabalhos.**

Pensando nas apresentações e avaliações que ocorreriam, os grupos buscaram resolver as dificuldades apresentadas na aula anterior, tanto em relação à finalização da obra, quanto nas melhorias para aquelas que se encontravam com dificuldade de finalização. Porém, todas as obras foram apresentadas, mesmo as que ainda não estavam prontas. O objetivo era incentivar a continuidade dos trabalhos que aconteceriam na segunda fase, e permitir, por parte dos alunos, uma melhor avaliação de si e do grupo.

### **7ª aula: Avaliação e encerramento da primeira fase**

A finalização da primeira fase aconteceu com as apresentações das obras em sala de aula dentro do objetivo de avaliação qualitativa. Neste sentido, as avaliações



foram feitas dentro dos seguintes critérios: alinhamento com o tema gerador; e desenvolvimento das expressões artísticas, com foco em questionamentos e reflexões, além da conclusão da obra. Cabe ressaltar que alguns grupos não conseguiram finalizar o trabalho e com isso não conseguiram alcançar o peso mínimo estabelecido na avaliação, mas foi dada a oportunidade de se apresentarem na mostra final, mesmo estando incompleto. Na análise geral, os resultados foram satisfatórios; mesmo para aqueles não finalizados, podia-se perceber um certo embrião criativo permeando a ideia. Ao final da primeira fase, expliquei aos alunos que na próxima fase o foco seria para a linguagem musical.

Durante a primeira fase, foram trabalhadas a linguagem musical, a construção das letras, a escolha do estilo musical e a harmonização das músicas. Já para a segunda fase, e pensando no tempo disponível para sua execução, optei por trabalhar com apenas um grupo musical por turma, grupo este escolhido pelos próprios estudantes. Foi aberta uma exceção para o 3º H, que fez uma apresentação individual a partir de uma composição executada por uma das alunas (será explicado melhor posteriormente).

**Segunda fase:** Nessa fase, aconteceram as atividades relacionadas ao ensino de Música e à educação musical, direcionada a práticas de atividades musicais para todos os alunos. Aqui, o foco é exclusivamente a linguagem musical. As aulas foram realizadas com nove turmas. Foram produzidas dez obras musicais em sete aulas, com uma hora de duração cada. A seguir, farei uma descrição das aulas/processo e de como foram conduzidas:

### **1ª aula: Oficina de Música: Conhecendo os sons dos Instrumentos Musicais.**

Foram apresentados alguns instrumentos musicais como violões, baixo elétrico, pandeiro, *cajón*, teclado, microfone e pedal de efeitos (BOSS VE-20), para se observar características sonoras dos timbres, das intensidades, das alturas e das durações. O objetivo da oficina era despertar a curiosidade para que tocassem os instrumentos e “sentissem” o comportamento sonoro de cada um, as diferenças estéticas, os diferentes meios de execução e propagação e a linguagem característica de cada um. Em seguida, foi escolhido o grupo musical que representaria a turma e a criação musical que seria trabalhada em classe. Pedi que pensassem como poderiam usar os instrumentos na criação musical escolhida. Falei

sobre como “colorir” a música com novos timbres e sobre o papel de cada um no grupo. Importante destacar que na primeira fase, a maioria das músicas foram apresentadas apenas com o violão e, às vezes, acompanhadas do *cajón*.

## **2ª aula: Construção da Forma musical: elaborando novas frases.**

Dando continuação à aula anterior, os alunos continuaram a experimentar os instrumentos expostos. Em seguida, fizemos uma atividade de apreciação musical apresentando a forma canção de uma maneira simples. Começamos analisando o primeiro elemento da forma: a Introdução, que geralmente se refere à parte inicial, podendo ser representada por um solo ou uma progressão harmônica. Em seguida a Estrofe, que se trata do texto apresentado por uma melodia, também chamada de parte “A” da música; depois vem o Refrão, que é a parte mais evidenciada com novo texto e melodia; pode ser chamada de parte “B”. Caso sejam acrescentados novos elementos como solos, novas frases melódicas ou rítmicas, caracterizando um novo momento musical, poderemos chamar essas partes de C, D, E, e assim por diante. Mostro, assim, que a música popular possui uma forma mais livre na sua construção.

Na apreciação e percepção musical, utilizei diversos estilos como o sertanejo, a balada, o *pop rock*, entre outros, para que os alunos pudessem identificar os elementos musicais, anotando quais modificações eram perceptíveis ao ouvir. Com isso, percebi que havia dificuldades na percepção e no ordenamento das partes da música. Para maior clareza, apliquei exercícios de percepção melódica, rítmica e harmônica para explicar as características da música. Notei que, à medida que explicava, ia versando sobre a melodia, o ritmo e a harmonia, houve uma melhor compreensão por boa parte dos alunos.

Após conseguirem identificar as partes da música, ou seja, de terem uma melhor compreensão da forma, pedi que elaborassem novas partes para a música que íamos trabalhar. Aqui, a turma teria que analisar a música escolhida e sugerir novas partes para a Introdução, uma nova frase melódica, alguns solos, entre outras tarefas.

## **3ª aula: Oficina de música: usando dinâmica e sons alternativos.**

Nessa aula, com todos os instrumentos à disposição da turma, comecei a mostrar como trabalhar a dinâmica na música para conseguir uma maior expressividade na interpretação. Termos como, pianíssimo (muito suave), piano

(suave), *mezzo piano* (meio suave), o forte (forte), fortíssimo (muito forte), foram exemplificados a partir de pequenos trechos de obras musicais, mostrando que, sabendo usá-las trariam uma nova textura e, porque não, um novo sentido para a música criada.

No contexto da construção de conhecimento no ensino de música e por entender que seria pertinente no processo da criação musical, trouxe a ideia da “Paisagem Sonora<sup>11</sup>” de Murray Schafer. Mostrei aos alunos a obra “Música da Lagoa” do alagoano Hermeto Pascoal que utiliza uma mistura de instrumentos convencionais com instrumentos não convencionais como, garrafas, chaleiras, entre outros. A ideia era estimular os alunos na busca por outros timbres na música, realizada com instrumentos não convencionais.

A partir das ideias acima, pedi que formassem grupos para uma atividade de improvisação musical com sons alternativos, misturando instrumentos convencionais e não convencionais. Incluí também ideias de criação a partir das suas origens, de seus antepassados, dos sons que eles já possuíam no imaginário, dos sentimentos de pertencimento a algum lugar - ou de uma imagem qualquer que servisse de estímulo para uma representação ou criação sonora.

Como resultados, foram produzidas pequenas peças usando os instrumentos, sons do caderno, das bancas, da voz, dentre outros. A partir daí pedi que pensassem em formas de como incluir esses “novos” sons na música para dar um colorido a mais.

#### **4ª aula: Intervenções e reelaboração.**

Como exposto até o momento, as intervenções ocorreram de forma indireta, com pedidos de inclusão de elementos musicais, mas sem participação do professor no fazer musical. Eram propostas de atividades dentro de uma experimentação sonora de construção musical, na perspectiva de reelaboração dessa criação.

A partir desse momento, vi a necessidade de fazer uma intervenção, passando a trabalhar diretamente com o grupo que iria executar a obra. Os demais alunos da turma ficaram como observadores, opinando e questionando quando surgiam

---

<sup>11</sup> Paisagem Sonora, aqui está no sentido de perceber e aproveitar as novas sonoridades que existe ao nosso redor, trazer essa percepção para a composição musical.

eventuais dúvidas. Com isso manteve toda a turma envolvida no processo de criação.

Minhas principais intervenções foram: criação de novas frases melódicas e rítmicas, alteração na letra da música, alteração de tonalidades, modificações harmônicas, inserção de novos timbres a partir dos instrumentos musicais; trabalho com a voz e a expressão corporal; postura e o enfrentamento do nervosismo – que é algo comum em momentos de *performance*.

### **5ª aula: Resolvendo os detalhes (problemas)**

Continuando com as intervenções, realizei algumas modificações na busca de soluções para problemas rítmicos e melódicos, como na letra da música, nas transições de passagem, como uma mudança no ritmo mostrando uma nova frase musical - problemas relativos à técnica de execução vocal e instrumental. Isso, além dos problemas extramusicais como a desmotivação e evasão escolar.

Como todo processo era feito em sala de aula, surgiram problemas “naturais” ao contexto da escola pública; problemas esses que se fazem pertinentes de serem retratados aqui, pois influíram diretamente no projeto. É interesse da pesquisa apontar esses problemas para mostrar o porquê de algumas turmas e seus respectivos grupos não conseguirem concluir os trabalhos.

O primeiro apontamento que faço é sobre a evasão escolar. Com a falta do transporte, alguns membros do grupo não puderam dar seguimento às aulas, o que desmotivou sobremaneira a turma; o segundo, foi a proximidade do projeto com as provas do ENEM. A escola passou a focar em várias atividades extras, a realizar simulados internos e externos, prejudicando de maneira acentuada as turmas do 3º ano. Diante de toda essa problemática, a quantidade de obras que inicialmente seriam dez, passou, no início da segunda fase, para somente seis.

Os seis grupos restantes foram inscritos no Festival de Música da escola que foi criado para apresentação das obras com intuito de motivação. Vale ressaltar que todo ano faço apresentações musicais de coros cantando músicas de compositores conhecidos. Nesse ano (2019) em especial foi criado o Festival de Música. Para tanto, foram marcados ensaios extras para finalizarmos as criações. Os ensaios aconteceram na escola nos horários cedidos por outros professores. As músicas

inscritas no festival bem representam a temática Música e Meio Ambiente, conforme se pode ver pelos títulos abaixo:

- Cuide e proteja as arvores - 3º G
- O homem que destrói – 3º H
- Ideia - 3º H
- Cartas aos não nascidos – 3º I
- Natureza, pedido de paz! 3º B
- O desmatamento – 3º E

#### **6ª aula: Ensaios extras.**

A 6ª aula foi composta de alguns encontros/ensaios, apenas com os integrantes do grupo de execução da obra. Serviram para corrigir e resolver problemas pontuais que serão tratados mais à frente.

Durante os encontros, vi que o nervosismo estava atrapalhando o desenvolvimento da *performance* musical. Resolvi montar a última aula, antes das apresentações no Festival de Música, com audições públicas. O equipamento de som foi montado no auditório da escola onde aconteceria o festival e todos puderam experimentar o ambiente e ir se acostumando ao auditório e às novas interferências no som causadas pela acústica e à nova disposição instrumental no palco. Essa prática foi proveitosa e serviu para que eles reduzissem um pouco o nervosismo. Serviu, também, para corrigirem a postura diante do público, além de preverem possíveis contratempos que pudessem acontecer durante a *performance*. Esse ensaio durou além do tempo de uma aula normal e com resultados amplamente satisfatórios.

#### **7ª aula: O Festival de Música.**

O festival de música aconteceu na escola Theotonio Vilela Brandão, e foi a culminância do projeto. As apresentações ocorreram nos turnos da manhã e da tarde. O festival contou com um corpo de jurados, composto de dois professores e um aluno da escola. Contamos ainda com a participação de estudantes do Curso de Música da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), bolsistas do PIBID, que muito contribuíram durante o processo, principalmente dando suporte ao professor e

colaborando com os alunos na criação e organização musicais. A escola é parceira do PIBID e eu fui supervisor do PIBID nesta época.

#### **4 RELATOS, ANÁLISES E REGISTROS DAS CRIAÇÕES MUSICAIS (RESULTADOS)**

Pretendo mostrar aqui a evolução dos trabalhos de criação musical entre as duas fases e os mecanismos utilizados para desenvolver o conhecimento do ensino musical e, conseqüentemente, melhorar a qualidade das composições feitas pelos alunos.

Durante o processo de criação não foi utilizada a escrita musical (partitura), utilizei as gravações feitas no celular. Ao final do projeto, transcrevi todas as canções para a pauta a fim de dar ao relato escrito a compreensão necessária do que foi realizado. As transcrições foram feitas a partir de gravações audiovisuais realizadas durante as apresentações.

As músicas listadas abaixo obedecem à ordem em que foram trabalhadas durante as aulas. A escolha dessa sequência se deu de acordo com os horários das aulas e com mudanças no planejamento ocorridas por atividades mal sucedidas durante o processo, devido à dificuldade de compreensão dos alunos em determinados conteúdos. Naturalmente, fui mudando de estratégia durante o percurso, visto que algumas dificuldades observadas em aulas anteriores, serviram de exemplo para não serem repetidas em momentos futuros.

**Título:** Cuide e proteja as árvores

**Letra e música:** construção coletiva do grupo 3º ano G

**Estilo:** Pop

O desenvolvimento do trabalho do grupo foi a partir da criação de uma sequência harmônica e um ritmo de base. Foi elaborada por um aluno que possuía habilidade ao violão, o que facilitou bastante o processo de composição. Após a elaboração rítmica e harmônica, foi a vez de criar uma letra que espelhasse o tema gerador.

Na primeira fase os alunos apresentaram uma melodia simples com dois acordes. Por interferência minha e a título de sugestão, foi inserida uma ponte entre a estrofe falada e o refrão no final da frase.

Nos encontros seguintes fiz outras intervenções. Pedi que criassem uma frase melódica. A partir daí sugeri uma quebra no ritmo da música acrescentando uma nova harmonia. Solfejando uma pequena melodia, tentei mostrar a possibilidade de criar outra frase musical. Devido à dificuldade que eles tiveram no processo criativo e ao tempo relativamente curto, não foi possível finalizar a obra, ficando as pendências para serem resolvidas na segunda fase.

Música apresentada na primeira fase (figura 1).

5 B 7 A  
Cui - de cui - de pro - te - jaas ár - vo - res emu - de Cui - de cui - de pro - te - jaas ár - vo - res emu - de

7 B 7 A1.  
Cui - de cui - de pro - te - jaas ár - vo - res emu - de e

9 A2. B 7 A  
e des - ma - ta - men - to é um - caos! des - ma - tar não é la - gal

12 B 7 A B 7 B 7  
pre - ju - dica os a - ni mais só pra ga - nhar al - guns re - ais En - tão Pare! Pare!

**Figura 1: Trecho da música - Cuide e proteja as árvores - primeira fase**

Na segunda fase, para finalizar a frase melódica pendente, trabalhamos as definições dos elementos musicais desenvolvendo a ideia melódica dada por mim. Porém, durante o processo, os alunos modificaram a minha sugestão produzindo uma nova frase perfeitamente de acordo com o texto já pronto. Neste ponto, acrescentei apenas pequenas modificações na harmonização da frase. Um dado importante foi a necessidade de trabalhar a expressão corporal dos integrantes na apresentação, pois a timidez dificultou a expressividade musical. Foram realizados alguns ensaios com intuito de corrigir a *performance*, trazendo expressividade à canção. O resultado da nova frase é mostrado na figura a seguir (figura 2).

19  $\text{A.}$  G G/F# E7  
e En-tão re - fli - ta E não com - pli - ca Pois quan - do che-gar o di - a em que

23 E7 E7 F# G G/F# E7 E7 F#  
ter-ra en-fu-re-cer - e-er E tu - do - que tem vi - da vai mor - rer A na-tu-

28 G G/F# E7 E7 F#  
re za pe-de a-ju - da e jun-to com a-gen-te nes-sa lu - ta le-van-tea-

32 G E7 E7  
go - ra mu-de essa his-tó - ria não dei - xe que a na-tu-re za per-ca sua a gló - ria

**Figura 2: Resultado da nova frase da música Cuide e proteja as árvores - segunda fase**

**Título:** O homem que destrói

**Letra e música:** construção coletiva do grupo dos alunos 3º ano H

**Estilo:** Rock pop e rap

O grupo contava com um violonista presente nas atividades, o que foi fundamental para ajudar na criação harmônica, melódica e rítmica. A música é uma mistura entre o *pop rock* nacional e a rítmica do rap. Os elementos formais utilizados foram: uma introdução com uma progressão harmônica, seguindo de uma estrofe, como mostrado na figura a seguir (figura 3).

Introdução A 7M C#m7 B7 C#m7

5 C#m7 rit. a tempo Estrofe  
O ho - mem que des-troi O ho-mem da ci - da - de re - co - nhe-ce os lu - ga - res,  
C#m7 B7  
on - de foi cri - a - do na su - a li - ber-da-de mas e - le já não li - ga pra su - a ge - ra - ção, des -

**Figura 3: Música O homem que destrói - primeira fase**

Sobre a progressão harmônica do refrão (figura 4) fiz uma pequena intervenção na harmonização da melodia.





Figura 4: Intervenção harmônica - segunda fase

Na segunda fase, eles aproveitaram ao máximo as oficinas e as orientações no sentido de resolver alguns problemas. O problema principal foi a apresentação da segunda frase melódica e rítmica, pois queríamos mudar o andamento da música e não encontrávamos uma maneira satisfatória para a passagem entre as partes. Foi sugerida uma ponte para fazer a ligação. Aos poucos, com a prática e os ensaios, começaram a perceber e a melhor entender sobre os vários elementos musicais e sua estrutura, como a dinâmica, o fraseado e o andamento. Tudo isso ajudou na condução e finalização da música. A partir daí acrescentamos uma introdução com baixo solando em forma de *slap*<sup>12</sup> sobre a harmonia, como mostrado a seguir (figura 5):

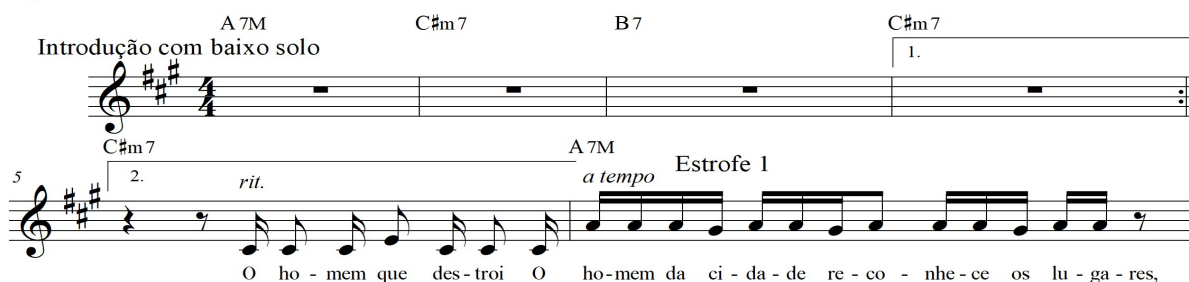


Figura 5: O homem que destrói - introdução com baixo - segunda fase

Em seguida, houve uma inserção do *rap* com o andamento mais rápido. Sem a utilização da ponte mantivemos a harmonia; porém, foi alterada a rítmica acelerando um pouco o andamento, como mostrado na figura a seguir (figura 6).



Figura 6: O homem que destrói - alteração no andamento - segunda fase

<sup>12</sup>O *slap* é uma maneira de produzir sons percussivos em um contrabaixo ou baixo elétrico, batendo as cordas com o dedo polegar contra o braço do baixo e puxando com o dedo indicador e médio.

**Título:** Ideia

**Letra e música:** Vitória Shirley M. de O. Reis

**Estilo:** Pop

Essa foi a única música de criação individual. A aluna partiu de um texto construído em forma de questionamentos. O ritmo foi criado sem acompanhamento harmônico, mas seguindo os acentos naturais das palavras. A princípio notou-se uma certa similaridade com o estilo *rap*. Na primeira fase, a apresentação foi feita apenas com letra e melodia sem acompanhamento harmônico, conforme o exemplo abaixo (figura 7):



**Figura 7: Música Ideia - letra com melodia - primeira fase**

Na segunda fase, a aluna incluiu na base de *rap*, uma harmonia já definida com letra e melodia. Foram acrescentadas modificações no timbre sobre a base do *rap*, utilizando alguns instrumentos acústicos, como o violão e o cajón, e acrescentado um solo de violão na introdução. Como já dissemos, a aluna construiu a letra e a melodia partindo da tentativa de fazer questionamentos rimados, uma base de *rap* e uma base harmônica.

Com a melodia pronta e as progressões dos acordes definidos, buscamos identificar quais as possibilidades de melhoria na composição. Nas oficinas e ensaios tentamos desconstruir a batida do *rap* trazida pela aluna, modificando para uma linha similar ao *blues*, aqui executado pela levada rítmica do violão e pelos fraseados realizados na introdução pelo estudante violonista da Universidade. Entretanto, no final do processo, o solo de violão foi substituído pelo solo em forma de improviso da flauta transversal sobre as progressões harmônicas, como mostrado na figura 8, abaixo.

Introdução Flauta Transversal

Vou - te

**Figura 8: Introdução, improviso de flauta e harmonização - segunda fase**

Outra modificação foi a repetição do solo de improviso da flauta na passagem entre estrofes. No final, surgiu a ideia de repetir uma pequena semi-frase da melodia da música para finalizar, como apresentado a seguir (figura 9).

**Figura 9: Finalização da música Ideia - segunda fase**

**Título:** Carta Aos Não Nascidos

**Letra e música:** construção coletiva do grupo dos alunos 3º ano I

**Estilo:** Bossa Nova

O grupo iniciou a composição elaborando uma letra sobre o tema gerador com rima entre as frases. Após essa construção, os alunos se reuniram com o estudante do curso de Música da Universidade Federal de Alagoas, que criou uma sequência de progressões harmônicas no estilo Bossa Nova. O processo foi construir uma melodia a partir da sequência harmônica que acomodasse a letra com naturalidade. Ao final da primeira fase, a música foi apresentada com introdução, a sequência

harmônica da estrofe, duas frases e quatro semi-frases, como mostrado na figura a seguir (figura 10).

Introdução A 7M B $\flat$ dim B m 7 E 79 A 7M B $\flat$ dim

7 B m 7 E 79 A 7M B $\flat$ dim B m 7 E 79 A 7M

Ei vo - cê que vai vi - ver - no mun - do de a - ma - nhã

14 B $\flat$ dim B m 7 E 79 A 7M B $\flat$ dim B m 7 E 79 A 7M

não co - pi - e o e - xem - plo de quem gos - ta de des - ma - tar

**Figura 10: Carta aos Não Nascidos trecho apresentado - primeira fase**

Na segunda fase, apesar da estrutura da música já possuir introdução, duas estrofes e o estilo definido, faltava uma conclusão. Como sugestão, pedi ao grupo que elaborasse uma nova frase melódica e pensasse na finalização. Durante as oficinas de Música foram inseridos alguns instrumentos na música, a exemplo do contrabaixo e do pandeiro. Partimos do que foi mostrado nas apreciações musicais sobre a forma canção e sobre como os compositores elaboravam suas músicas. Isso no sentido de incentivar o grupo a buscar novas soluções na criação de uma frase melódica.

Durante os ensaios, os alunos demonstraram certa dificuldade para criar a frase. Foi nos encontros extras que conseguimos coletivamente elaborar uma ideia melódica desenvolvida entre pequenos solfejos melódicos (dado pelo professor) e completada pela aluna, criando assim, uma nova frase musical. O texto precisou de ajustes para ser encaixado na nova frase melódica. Feitos os ajustes, harmonizamos

a melodia finalizando a música, como mostrado a seguir (figura 11):

38 D7M E C#7

É tem-po de pen-sar mui-to sé-rio na pro-te-ção das ma-tas ba-nir

44 F#m F#m F#m/E D Dm

e a-flo-rar a-ar cons-cien-ti-zar o po-vo to-

50 A7M

dos num-só es-for-ço. Fine ú!

D.S. al Fine

Figura 11: Carta Aos Não Nascidos - nova frase - segunda fase

**Título:** O desmatamento

**Letra e música:** construção coletiva do grupo dos alunos 3º ano E

**Estilo:** Pop

O grupo contava com um violonista que apresentou na primeira fase uma composição com uma introdução, refrão e estrofe baseada nas progressões harmônicas criadas pelo próprio aluno. No entanto, o texto não era de autoria do grupo que copiou da *internet* para complementar a obra. Aproveitamos o momento para falar sobre plágio e direito autoral. Incentivamos o grupo a criar uma letra própria utilizando as palavras que melhor lhes expressassem. A canção criada por eles tinha uma estrutura bem definida, com melodia, ritmo e harmonia, faltando a letra para estar concluída. Ao final da primeira fase o grupo não conseguiu concluir a letra, apresentando apenas a melodia. Veja a figura a baixo (figura 12):

Bm G D 1. A D 2. A

4 Bm G D A Bm G

7 D A Bm G D A

O des-ma-ta-men-to é um pro-ble-ma que a-nos afun-da e nos des-trói.

Figura 12 - O desmatamento - melodia e harmonia - primeira fase

Na segunda fase, o grupo precisou voltar a trabalhar a construção da letra da música ainda sobre o tema gerador. Como estavam atrasados no processo, tiveram que trabalhar fora da sala de aula, pois em classe o momento foi dedicado à construção de novas ideias musicais a partir de atividades práticas e oficinas de música. Com estudo, pesquisa, orientação e dedicação, o grupo conseguiu, enfim, criar uma letra autoral conseguindo encaixar os versos da estrofe em ritmo de *rap*. O grupo acrescentou mais uma frase musical e conseguiu finalizar a composição, como mostrado a seguir (figura 13).

Quant- do  
 Deus Cri-ou o mun - do Pen-sou com gran-de e - mo-ção Que lin - do se-ria as co - res des-sa  
 gran-de imen - si-dão O cé - u lin - do a - zul As ma-tas verdes es-pe - ta-cular On-deos  
 pas - sa ros sea - ni - mam e cur - te um be - lo lu - ar. Fa - lan -  
**Rap**  
 do de nos-sas matas de-ve pa-rar pa-ra pen-sar O que hou-ve com nos-so pla-ne-ta pa-ra tu-dois-so mu-dar E num ins-  
 tan-te des-co-bri-mos Qual era a gran-de ra-zão o que acon - tece nas no-sas ma-tas che-ga doer no co-ra ção O hõ-mem

Figura 13: O desmatamento - segunda fase

**Título:** Natureza, Pedido de Paz!

**Letra e música:** construção coletiva do grupo dos alunos 3º ano B

**Estilo:** Rap

A estrutura dessa música é na forma canção. Os elementos formais de Introdução, estrofe (A), refrão, estrofe (B), estrofe (C) foram definidos desde a primeira fase. Utiliza duas bases de rap de gravações baixadas da internet, sendo uma com ritmo e harmonia; e outra com ritmo, harmonia e efeitos sonoros. A música foi elaborada em quatro momentos diferentes. O primeiro é uma introdução sobre a

base do rap e um texto explicativo sobre o problema ambiental complementando a estrofe com a mesma base, conforme mostrado a seguir (figura 14):

**Figura 14: Natureza, Pedido de Paz! - Introdução e estrofe - primeira fase**

O segundo é o refrão, única parte melódica da composição.

**Figura 15: Refrão**

O terceiro recapitula a estrofe (Parte A) com um novo verso e uma nova frase (Parte B), como mostro na figura a seguir (figura 16),

**Figura 16: Nova frase da música - parte B - primeira fase**

O quarto apresenta uma nova frase com base de *rap* com efeitos sonoros (Parte C), como mostro na figura a seguir (figura 17) com novo ritmo e letra, e finalizou com refrão. Eles tiveram dificuldade na apresentação da audição pública realizada na primeira fase, pois não conseguiram montar tudo no *playback*. No entanto, dava para perceber a ideia e a estrutura pronta da composição,





**Figura 17: Nova frase e ritmo com efeitos**

Na segunda fase, vimos a possibilidade de trabalhar na desconstrução do uso das bases do *rap* para incorporar instrumentos que possuíamos nas oficinas de música, ou seja, violões, *cajón*, baixo, pedal de efeitos de voz, pandeiro, entre outros. Além dos detalhes pontuais para a melhoria do fraseado e da dinâmica, trabalhou-se, também, a técnica vocal e a expressão corporal, importantes na preparação dos alunos para a apresentação pública. Na composição, ao acrescentar os instrumentos musicais e os efeitos sonoros, a música surgiu com um novo colorido. Percebemos que o grupo conseguiu alinhar os trabalhos da primeira fase com as atividades das oficinas de música, procurando por novos timbres e uma nova cor para a sua música. Na fase de estudos sobre a forma canção foi possível acrescentar novos ritmos para partes da música, em especial para a utilização da embolada retratando a influência do nordeste brasileiro.

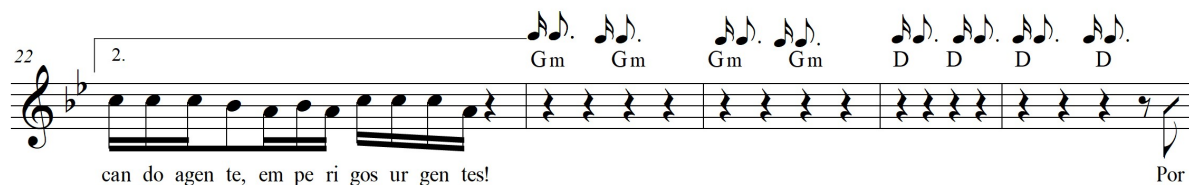
As mudanças realizadas na segunda fase foram: a introdução com uma improvisação do sax tenor; retirada da recitação e das bases do *rap* e foram incorporados o contrabaixo, o *cajón*, o violão e o pandeiro. Veja na figura a seguir (figura. 18)



**Figura 18: Natureza, pedido de paz! - segunda fase - introdução no saxofone**

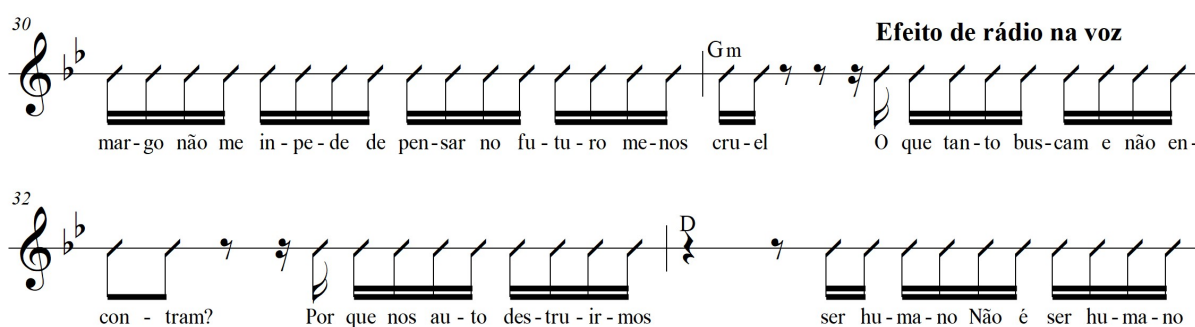


Do refrão para a segunda estrofe (parte B), foi criada uma ponte caracterizada pelos breques acentuados na harmonia, conforme mostrado na figura a seguir (figura.19).



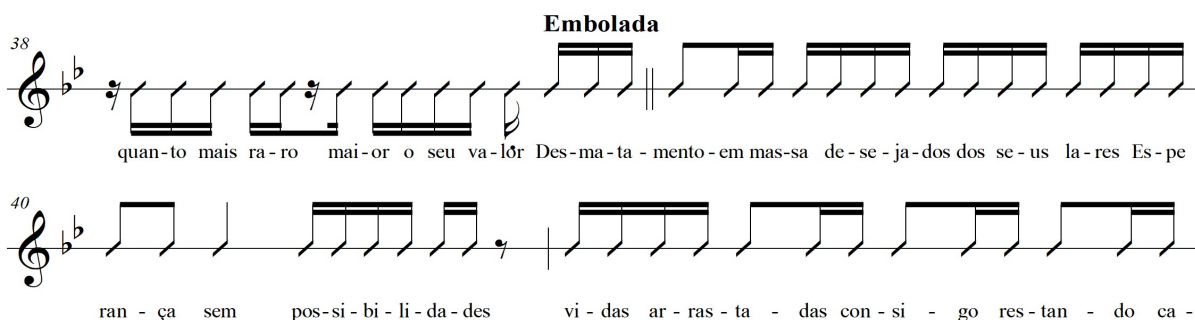
**Figura 19: Inserido a ponte na música Natureza, pedido de paz! - segunda fase**

Em seguida foi utilizado na voz um pedal de efeito de rádio dando um colorido a mais na música, como mostro na figura a baixo (figura 20)



**Figura 20: Efeito de voz de rádio - segunda fase**

As bases de rap foram substituídas pela batida rítmica criada pelos alunos no Cajon. Como destaque há a alteração no ritmo na parte C, onde usamos o pandeiro em ritmo de embolada e sem acompanhamento nos versos da estrofe. Isso fez com que a música ganhasse uma característica mais regional, como mostrado na figura a seguir (figura 21).



**Figura 21: Ritmo de embolada inserido na segunda fase**

Na conclusão, o refrão cantado e a estrofe falada foram sobrepostos, o que aumentou o número de vozes para criar o “clímax” musical para a finalização. Veja na figura a seguir (figura. 22)

Figure 22 is a musical score in 4/4 time, key of G minor (two flats). It consists of four staves. The first staff features a melody with lyrics "A na-tu re za tem pro van do que não aguen ta mais \_\_\_\_\_ Fa zen do". Above the first staff is the chord symbol "Gm". The second staff is a rap section with lyrics "Me per gunto: "por que tan ta des trui ção?" Não tem res". Above the second staff is the chord symbol "F". The third staff continues the melody with lyrics "em si lên cio um pe di do de paz. O ser hu ma no se diz ser mais in te li gen te Co lo can do". The fourth staff continues the rap with lyrics "posta Que ro que es te ja bem mas nin guém aqui sa, im por ta Lá lo ra, po lui ção es tão na que las á".

**Figura 22: Refrão com a Estrofe ao mesmo tempo misturando melodia e rap - segunda fase**

Durante o processo de escrita das partituras com intuito de mostrar as composições para um entendimento mais claro do relato musical, busquei apresentar a melodia e a harmonia como as principais características da obra, além de mostrar como a música acontecia, seus elementos principais, sua instrumentação, seus ritmos, e o resultado/obra final.

As obras demonstram que o processo de criação e composição musical foi construído a partir de uma abordagem no campo da educação musical, utilizando a uma metodologia já consolidada e trazendo-a para o contexto da escola pública e para a realidade local. Dessa forma, buscando, sobretudo, o fazer musical como a principal ferramenta para o ensino de música em ambientes com pouca ou nenhuma predisposição para tal, como é o caso daqueles que precisam seguir as políticas educacionais vigentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gostaria aqui de fazer alguns comentários sobre a minha percepção a respeito do processo da pesquisa e dos resultados apresentados, principalmente pelos alunos. Em primeiro lugar, constato que a música é um instrumento transformador e que a grandeza das composições coletivamente construídas está aí para provar

isso. A partir do tema Arte e Meio Ambiente percebi que as composições estavam se direcionando para provocar reflexões e opiniões, compactuando com autores já citados (PENNA 2018, 2004, 2008, 2017; BARBOSA 2017; FRANÇA; 2011).

A esses questionamentos, muito pertinentes para a construção de um senso crítico, trago o exemplo da música “Natureza, pedido de paz!”. Aqui, o próprio título já sugere uma reflexão e uma opinião. Tem ainda a questão: “Me pergunto por que tanta destruição?”. Refletir e opinar são verbos emblemáticos na construção desse aprender-fazendo musical e que, atrelado a um tema de severa importância como é o caso, resvala na transformação de indivíduos segregados em cidadãos criativos, críticos e responsáveis. Neste sentido, penso que os objetivos do Projeto foram alcançados, pois acredito que essa nossa construção artística coletiva serviu para conscientizar a comunidade escolar a atuarem em defesa do meio ambiente e a promover, de forma artística, reflexões e opiniões corretas e justas.

O segundo ponto foi a minha atuação dentro da área da composição musical. A princípio, tive receio de trabalhar a composição na sala de aula. Foi a primeira vez que fiz uso dessa técnica para o ensino da Música, pois tenho preferência pelo canto coral para realizar as minhas atividades práticas e teóricas de ensino da Música. Portanto, usar a composição se tornou um novo desafio, pois não sendo compositor, tive que me armar de novos saberes, de novos olhares e, por conseguinte, de novas perspectivas educacionais. Autores como Viviane Beineke defende que a criação/composição é uma ferramenta eficaz para se avaliar os processos de ensino e aprendizagem musicais.

Quanto ao trabalho de criação, contribuí com algumas ideias no sentido de manter o grupo motivado. Dicas sobre como fazer uma introdução, criar uma melodia, desenvolver uma nova frase, foram ações importantes nesse processo de trocas e, como não podia deixar de ser, foram de um grande aprendizado dentro do ensino. De uma forma direta, ideias surgidas dentro da sala de aula, como os *insights* musicais já citados por vários compositores, foram oportunos para a geração de um motivo, uma sequência harmônica e uma frase melódica ou a criação de uma progressão harmônica. Assim, acredito que as minhas intervenções foram necessárias durante o processo, tanto para a finalização da obra quanto para a sua continuidade. Outra situação importante para o professor é verificar se o grupo terá conhecimentos técnicos suficientes para solucionar os problemas musicais que sempre são susceptíveis de se apresentarem. Acredito que as intervenções do

professor devem passar, principalmente, pela sua capacidade de dar solução ao que pode parecer insolúvel. Ele deve levar os alunos a buscar por si só, novos caminhos, principalmente os inusitados. Ele deve ser aberto a ideias aparentemente absurdas e deve saber que o mais importante é usar a natural curiosidade do ser humano para levá-los a galgar uma nova etapa na construção do seu caminho educacional.

O terceiro ponto foi o da importância de partir da criação musical para promover o ensino de música da experimentação à prática. É o fazer/criar contextualizado por uma teoria simplificada que quer evitar, até certo ponto, seguir os cânones do ensino tradicional da música, sem, no entanto, deixar de dar conta dos objetivos engendrados como motivadores de minha pesquisa. O objetivo de construir uma abordagem metodológica que apresentasse resultados significativos, foi sendo alcançado durante o processo.

A partir do surgimento de novas competências nos alunos, novas ideias foram sendo adquiridas, novas atitudes foram sendo agregadas. Umas apenas observadas; outras, bastante utilizadas; aquelas, nem foram percebidas e algumas fizeram um entra-e-sai, pois eram acionadas em momentos específicos. Essa troca fecunda gerou intensas relações entre nós, a Arte, a Música e o meio ambiente.

Já no aspecto do ensino-aprendizagem de música, ao analisar as obras criadas, percebo que elas estão no nível entre o iniciante e o intermediário. O que é natural, dentro da perspectiva de uma educação experimental e do tempo trabalhado em classe. Alguns avançaram mais do que os outros, principalmente pela complexidade harmônica, melódica e rítmica das composições. Acredito que isso se deu devido ao compartilhamento de conhecimento e informações produzido coletivamente entre professor e estudantes. Para concluir retorno à pergunta que norteia o Projeto: “Como sistematizar o processo de criação musical na escola pública no ensino médio?” Percebo que não existe uma única resposta. Durante a escrita, tentei mostrar os caminhos que deram certo para alguns grupos, principalmente para aqueles que finalizaram a obra, assim como citei as principais dificuldades que impediram o êxito na finalização da obra para outros. Gostaria de relatar como o processo se deu e quais os caminhos necessários para um direcionamento das aulas para professores que queiram trabalhar com composição musical no ensino médio.

O ponto inicial do Projeto foi a discussão sobre o tema gerador, o que possibilitou um estudo direcionado para produções de textos. Isso ajudou na escrita

das letras das músicas e suas melodias, conduziu os grupos para serem mais eficazes na construção das músicas para as composições, estipulou o tema a ser trabalhado e delimitou o campo de pesquisa que serviu de base para construção das letras.

Outro ponto relevante foi o desafio proposto aos alunos de criarem suas próprias obras, o que foi um importante fator motivacional. Dentro dessa sequência didática, foi importante construir as etapas para que os alunos pudessem se sentir motivados e superarem cada atividade feita durante o projeto. As etapas foram: a escolha da linguagem, a apresentação de ideias, a organização e a finalização.

A escolha da linguagem foi pensada para que os alunos tivessem a possibilidade de desenvolver algumas habilidades pessoais e aprender novas. O propósito era que, a partir do seu contexto sociocultural e artístico, eles tivessem a oportunidade de serem protagonistas de sua própria arte, colocando em prática toda a sua criatividade. Aqui aconteceram muitas trocas de ideias entre os grupos, o que enriqueceu sobremaneira o processo de ensino e aprendizagem.

Na etapa de organização eles deveriam verificar se era possível construir e finalizar a obra proposta, tanto pelo cronograma, quanto pelos equipamentos a disposição. O que percebi foi que cada grupo desenvolveu certas particularidades em seu projeto, pois para além das minhas orientações, eles tiveram plena liberdade de criação e manipulação dos materiais e ideias apresentadas. Com isso, tivemos obras em níveis diferenciados, tanto na estrutura rítmico-melódica, quanto na elaboração formal. Para aquelas que não foram concluídas, diversos foram os problemas levantados, como a falta de transporte escolar, os problemas estruturais na escola, as atividades extraclasse interferindo no horário das aulas, que enveredaram para a falta de motivação e para problemas técnicos musicais, causados pela quebra de sequência dos encontros.

Durante o processo, foram feitas atividades para facilitar os grupos no caminho para a obtenção de conhecimentos musicais necessários às soluções de problemas comuns de acontecerem na construção e na finalização de uma obra de arte, como por exemplo, a dificuldade da criação das partes dos elementos da forma canção, a harmonização das melodias criadas, a inserção de novos timbres na música, como também fazer o fechamento da obra.

Quando a Arte é parte de um processo educativo amplo, e quando o objetivo principal é dar aos alunos a oportunidade de vivenciar o processo de criação a partir

de seus próprios meios, acredito que não tivemos apenas um único direcionamento para o sucesso da empreitada, mas sim, pluralidades de ações que nortearam o professor para caminhar, e assim, promover uma possível estratégia de ensino de Música a partir da criação musical em uma escola pública do Ensino Médio.

Quero registrar aqui os problemas pontuais das obras que não conseguimos concluir na segunda fase e que muito nos auxiliará, caso o Projeto venha a se repetir. O primeiro é uma crítica ao sistema de ensino e à matriz curricular praticada no Estado de Alagoas, que destina apenas uma hora aula por semana para a disciplina de Arte. Isto dificulta enormemente para que haja uma melhor progressão dos estudantes nas atividades artísticas; e segundo, porém não menos importante, foi o fato de as atividades acontecerem próximo à prova do ENEM. Como o Projeto é voltado para alunos do 3º ano, tive alguns obstáculos, sendo um deles, a evasão escolar que prejudicou de maneira significativa alguns grupos.

É importante ressaltar o meu compromisso na busca de condições favoráveis dentro do processo de ensino e aprendizagem, dando acesso a equipamentos que colaboraram na execução do Projeto. Além disso, é papel do professor construir relações sociais com seus alunos, favorecendo a empatia no processo de coprodução no desenvolvimento dos trabalhos, cultuando, durante a produção musical, o respeito e a afetividade, edificada num processo de comunicação musical leve e prazeroso. Por fim, a necessidade do conhecimento musical do professor - tanto na área da educação e no conhecimento de métodos de ensino, quanto na área do conhecimento técnico musical - é uma premissa importante para a boa condução dos trabalhos em classe. Todos esses aspectos contribuíram para uma progressão musical desejada e para uma finalização satisfatória de todo o processo. Creio que as músicas e *performances* apresentadas mostram como é importante estimular o trabalho de composição musical em sala de aula no Ensino Médio.

## REFERÊNCIAS

ALAGOAS. Estado de. **Referencial Curricular da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino do Estado de Alagoas**. P. 117-126, 2014.

ANDRADE, Antônio Luiz M. **Escrito sobre Arte**. Salvador: Cispoesia, 2008.

ARROYO, Margarete. **Educação musical na contemporaneidade**. Disponível em: <[https://www.academia.edu/36368227/ANAIS\\_DO\\_II\\_SEMIN%C3%81RIO\\_NACIONAL\\_DE\\_PESQUISA\\_EM\\_MUSICA\\_DA\\_UFG\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_musical\\_na\\_contemporaneidade](https://www.academia.edu/36368227/ANAIS_DO_II_SEMIN%C3%81RIO_NACIONAL_DE_PESQUISA_EM_MUSICA_DA_UFG_Educa%C3%A7%C3%A3o_musical_na_contemporaneidade)>. Acesso em: 03 junho 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **O dilema das artes no ensino médio no Brasil**. Pós: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG, v. 7, n. 13, maio 2017. Disponível em: <<http://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/revistaddav/article/viewFile/1161/857>> Acesso em: 01 outubro 2019.

BEINEKE, Viviane. **Processos Intersubjetivos na Composição Musical de Crianças**: Um estudo sobre a aprendizagem criativa. Tese (Doutorado em Música) Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BRASIL, República Federativa. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação, **Base Nacional Comum Curricular** (2018) Disponível em: <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf)> Acesso em: 10 agosto 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério do Meio Ambiente. **Programa Nacional de Educação Ambiental** – ProNAE. Brasília, 2005.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Terceiros e Quartos Ciclos do Ensino Fundamental. Arte e Questões Sociais da Atualidade: Temas Transversais. Brasília, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Novo Ensino Médio** (2018), Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/secretaria-de-regulacao-e-supervisao-da-educacao-superior-seres/30000-uncategorised/40361-novo-ensino-medio-duvidas>>. Acesso em: 6 agosto 2019.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Altera o § 6º do art. 26 da **Lei** no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreuter educador**: O humano como objeto da educação musical. São Paulo: Peirópolis, 2001.

EARTHWORK In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo364>>. Acesso em: 12 abril 2019.

FINCK, Regina. **O fazer criativo em música**: estudo sobre o processo da construção do conhecimento a partir da criação musical. 170 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001.

FRANÇA, Cecília C. **Ecos**: educação musical e meio ambiente. Música na educação básica. Vol.3, n. 3. P. 28-41. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2011.

FRANÇA, Cecília C.; SWANWICK, Keith. **Composição, apreciação e performance na educação musical: teoria, pesquisa e prática**. In: Em Pauta. Porto Alegre: vol.13, n. 21, 2002. p. 05-41. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/EmPauta/article/view/8526>> Acesso em: 03 março 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GHANEM JUNIOR, E.; TRILLA, J.; ARANTES, V.A. (Org.). **Educação formal e não formal**. São Paulo: Summus, 2008.

MADAZOLLO, Thiago. **Composição musical**. Unicentro, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/972/5/Composi%C3%A7%C3%A3o%20musical.pdf>>. Acesso em: 28 julho 2020.

MAHEIRIE, Katia. **Processo de criação no fazer musical**: Uma objetivação da subjetividade, a partir dos trabalhos de Satre e Vygotsky (2003). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8n2/v8n2a15.pdf>>. Acesso em: 25 setembro 2019.

PENNA, Maura. **Música(s) e seu ensino**. 2ª edição revisada e ampliada. Porto Alegre: Sulina, 2018.

\_\_\_\_\_. **Música e seu ensino**. 1ª edição. Porto Alegre: Sulina, 2008.

\_\_\_\_\_. **A dupla dimensão da política educacional e a música na escola: I** – analisando a legislação e termos normativos. Revista da ABEM, nº 10, março 2004. Disponível em: <<http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/358/287>> Acesso em: 10 junho 2019.



\_\_\_\_\_. **Construindo o primeiro projeto de pesquisa em educação e música.** Porto Alegre: Sulina, 2017.

RIZZI, Christina de Sousa Lima; ANJOS, Ana Cristina Chagas dos. **Arte-Educação e Meio Ambiente:** apontamentos conceituais a partir de uma experiência de arte-educação e educação ambiental (2010). Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ars/v8n15/a03v8n15.pdf>> Acesso em: 22 setembro 2019.

ROSSETTI, Danilo; FERRAZ, Silvio. **Forma musical como um processo:** do isomorfismo ao heteromorfismo. *Opus*, [s.l.], v. 22, n. 1, p. 59-96, jun. 2016.

SANTOS, Jorge Luiz de Lima. **Considerações sobre a forma musical na poética composicional contemporânea.** Tese de Doutorado. Universidade de Campinas, 2019.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente.** São Paulo: Moderna 2003.

SCHAFER, Raymond Murray. **O ouvido pensante.** Tradução: Marza Trench de O. Fonterrada, Magda R. Gomes da Silva, Maria Lucia Pacoal. São Paulo: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **A afinação do mundo.** Trad. Marisa Trench de O. Fonterrada *et al.* 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

## APÊNDICES

### Apêndice 1 - Fotografias do projeto, primeira fase.



## Apêndice 2 - Fotografias das oficinas de música.





### Apêndice 3 - Fotografias dos ensaios



## Apêndice 4 – Festival de Música

